

Desenhos na escola _ 93.94

Gonçalo Furtado



FAUP, 6 Junho a 30 Julho 2024

Autor:
Gonçalo Furtado

Comissariado:
José Manuel Barbosa
José Maria Lopes

Textos:
José Manuel Barbosa
José Maria Lopes
(com Gonçalo Furtado)



Edição:
Riscotudo
<https://riscotudo.wordpress.com/>

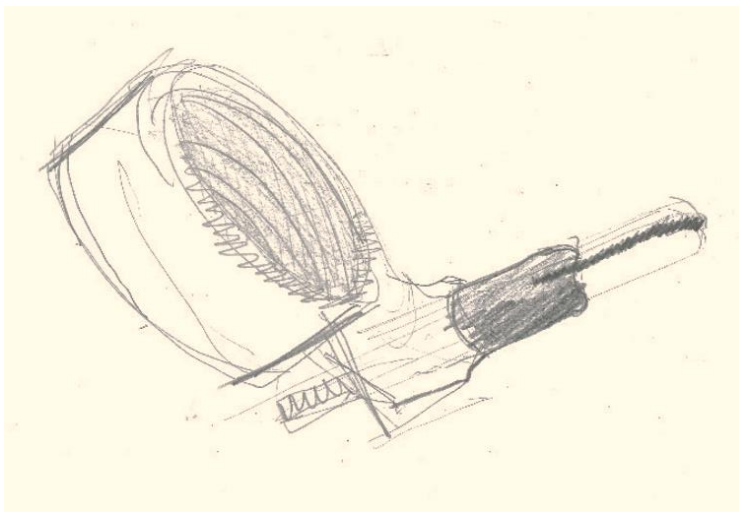
Local:
FAUP
Via panorâmica, s/n
4150-755 Porto

Impressão:
Studio print

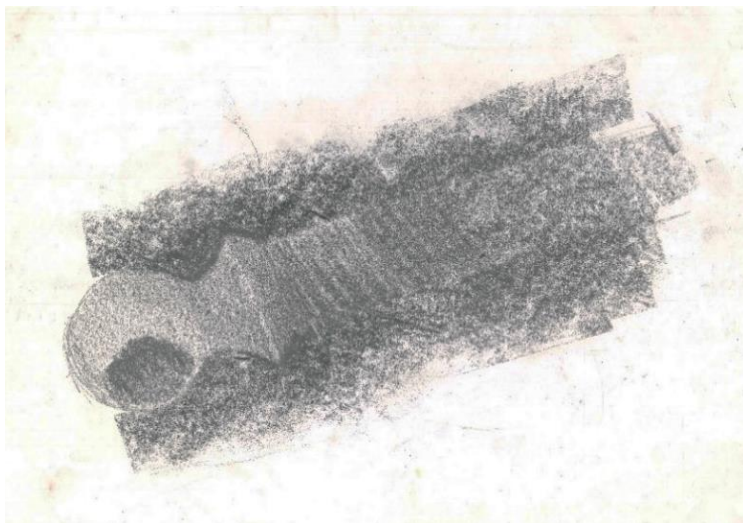
DL:
000000000

Data:
Junho 2024

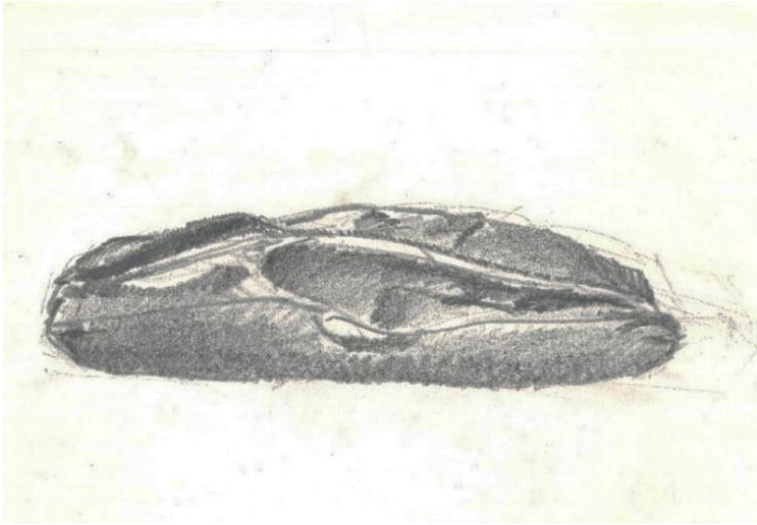
À memória de José Grade e Luísa Brandão.



Desenho nº28 (Pasta 2ªfase)



Desenho nº28 (Pasta 2ªfase)



Desenho nº183 (Pasta 1ªfase)



Desenho nº187 (Pasta 1ªfase)



Desenho nº53 (Pasta s.t.)



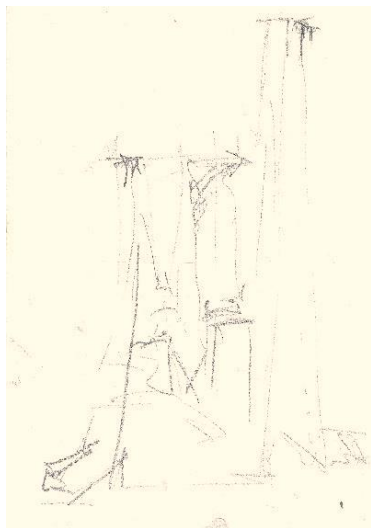
Desenho nº56 (Pasta s.t.)



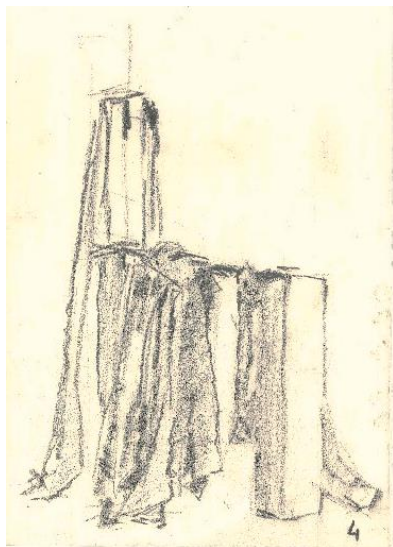
Desenho nº181 (Pasta 1ªfase)



Desenho nº184 (Pasta s.L.)



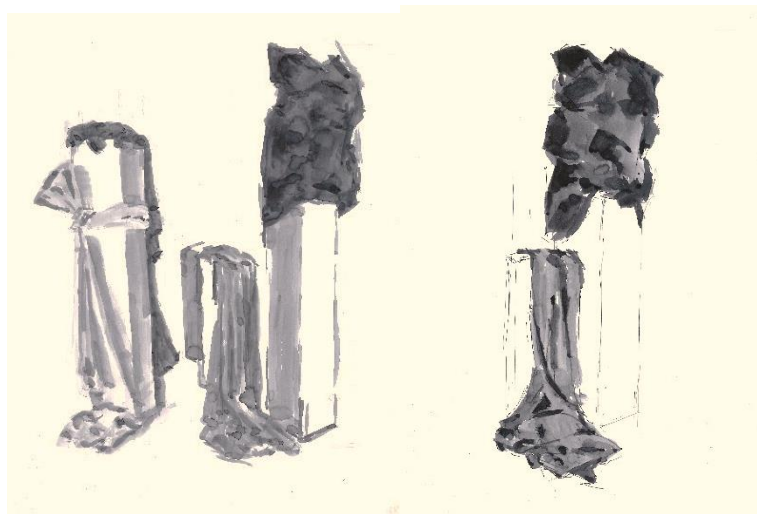
Desenho nº203 (Pasta s.t.)



Desenho nº204 (Pasta s.t.)



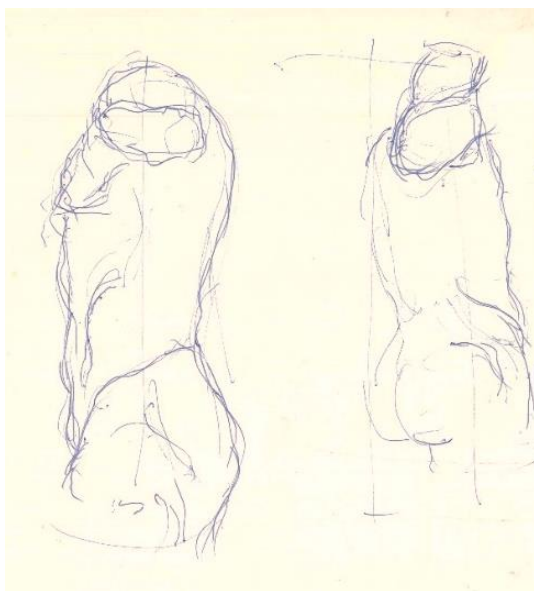
Desenho nº110 (Pasta s.t.)



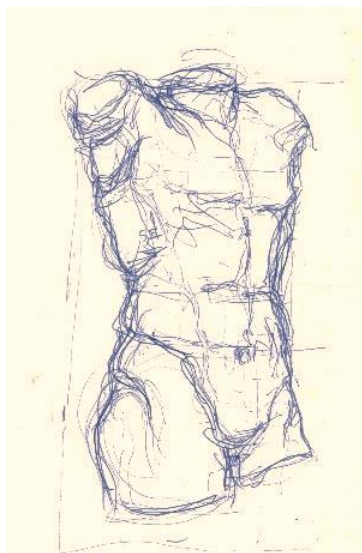
Desenho nº216 (Pasta s.t.)
Desenho nº217 (Pasta s.t.)



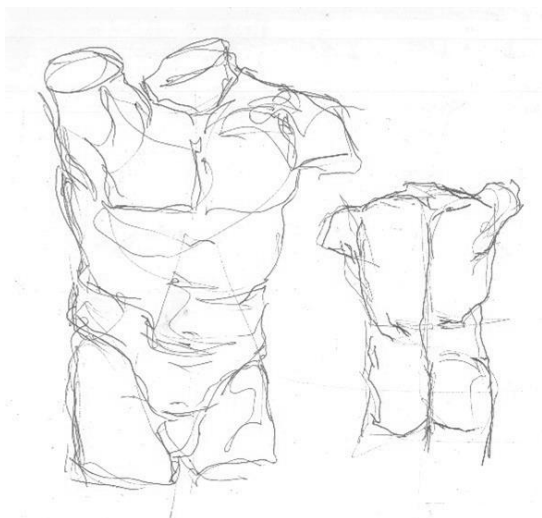
Desenho nº23 (Pasta s.t.)



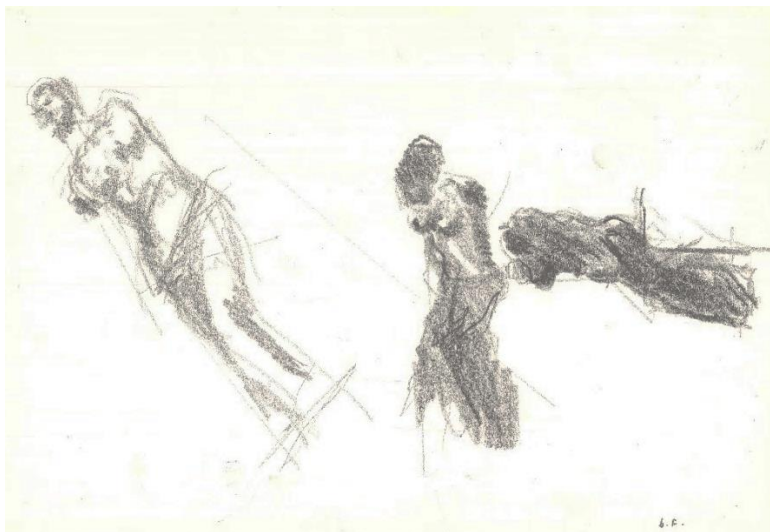
Desenho nº59 (Pasta s.t.)



Desenho nº180 (Pasta s.t.)



Desenho nº12 (Pasta s.t.)



Desenho nº61 (Pasta s.t.)



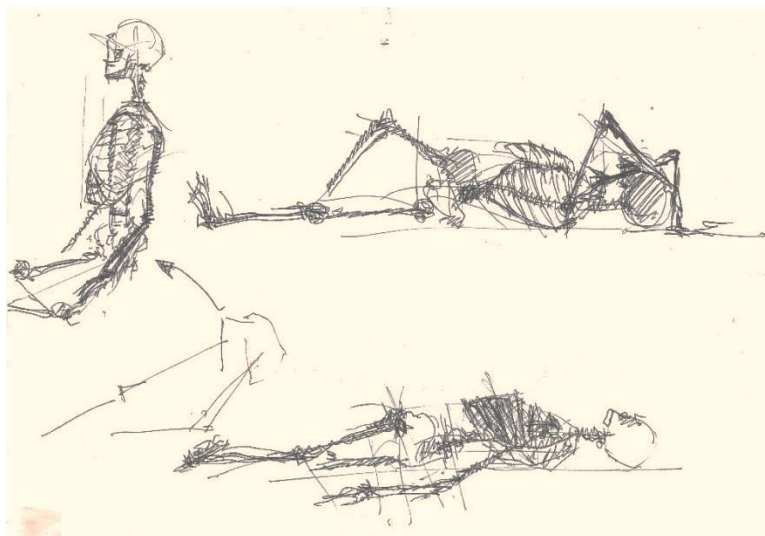
Desenho nº24 (Pasta s.t.)



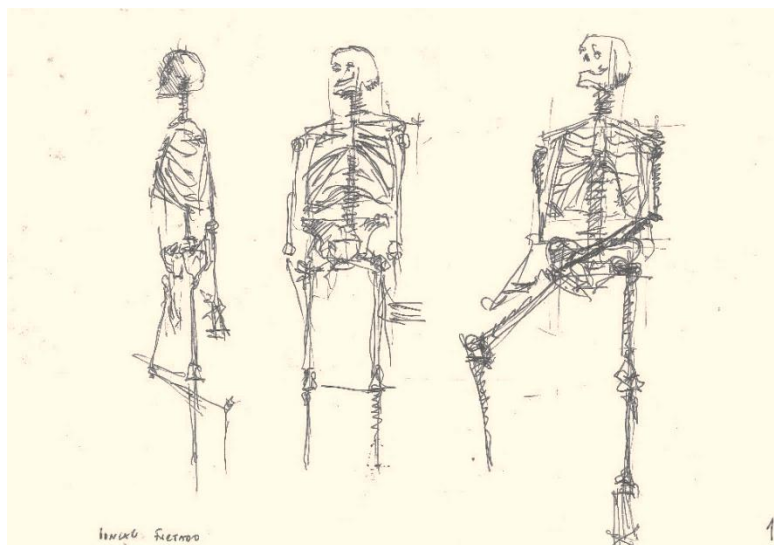
Desenho nº62 (Pasta s.t.)
Desenho nº24 (Pasta 2ªfase)



Desenho nº65 (Pasta s.t.)



Desenho nº31 (Pasta 2ªfase)



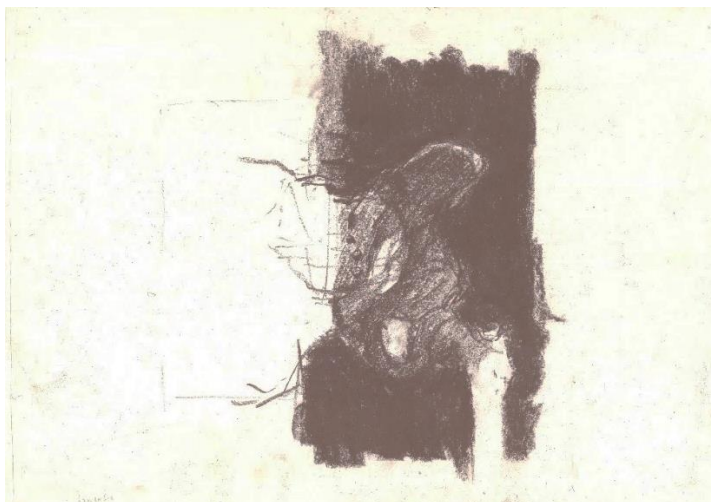
Desenho nº30 (Pasta s.t.)



Desenho nº29 (Pasta s.t.)



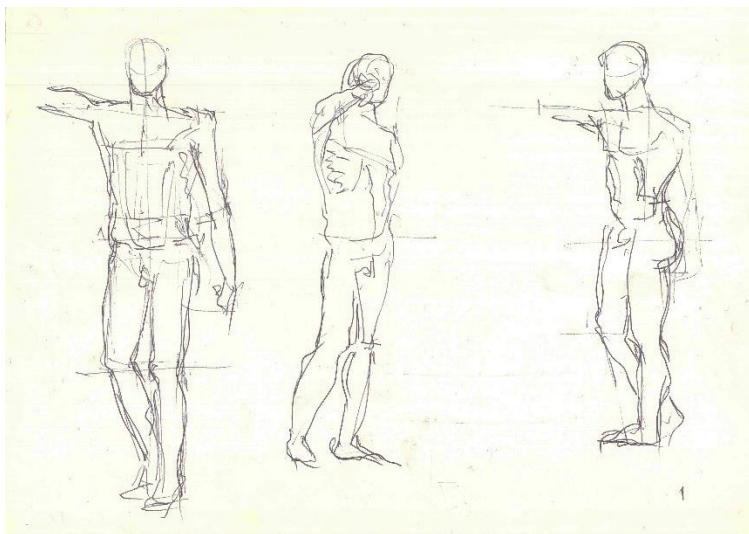
Desenho nº48 (Pasta s.t.)



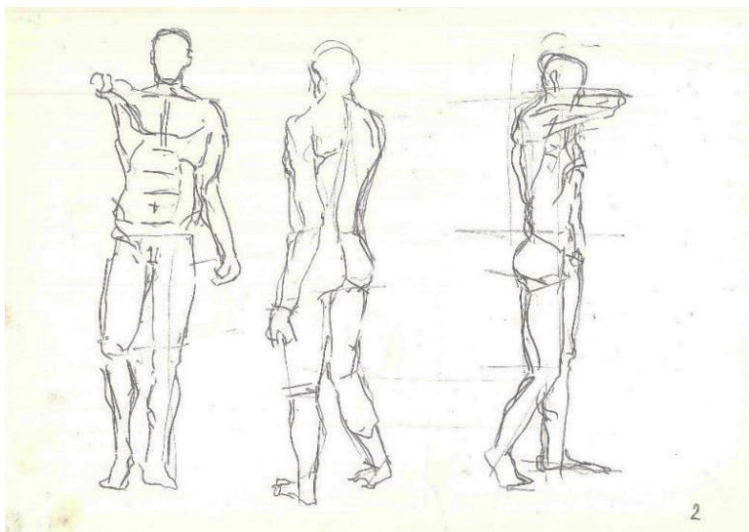
Desenho n°16 (Pasta s.t.)



Desenho n°49 (Pasta s.t.)



Desenho nº64 (Pasta s.t.)



Desenho nº63 (Pasta s.t.)



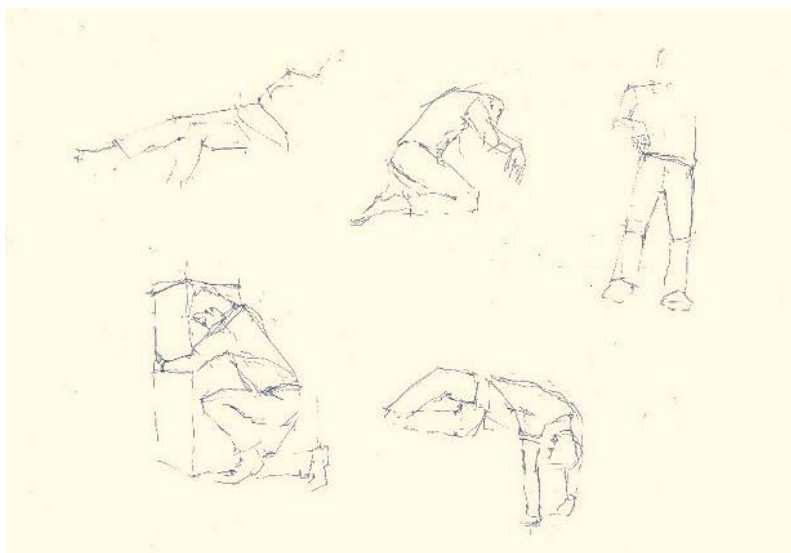
Desenho nº67 (Pasta s.t.)



Desenho nº66 (Pasta s.t.)



Desenho nº78 (Pasta 3ªfase)



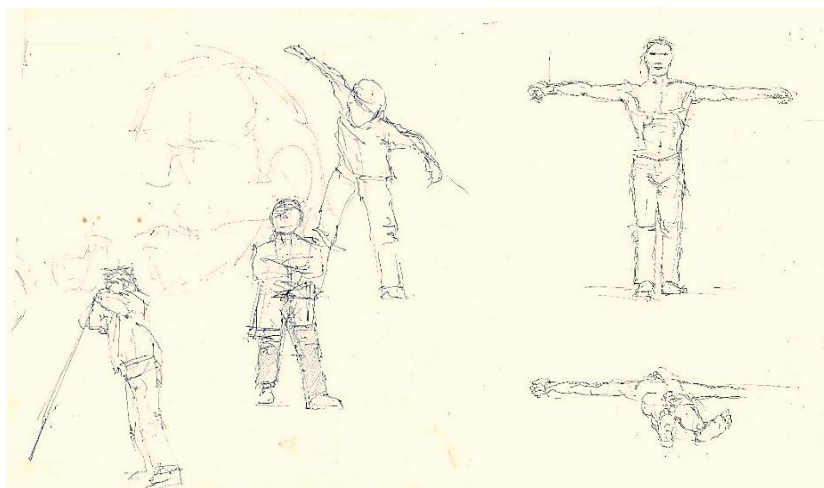
Desenho nº142 (Pasta s.t.)



Desenho nº143 (Pasta s.t.)



Desenho nº144 (Pasta s.t.)



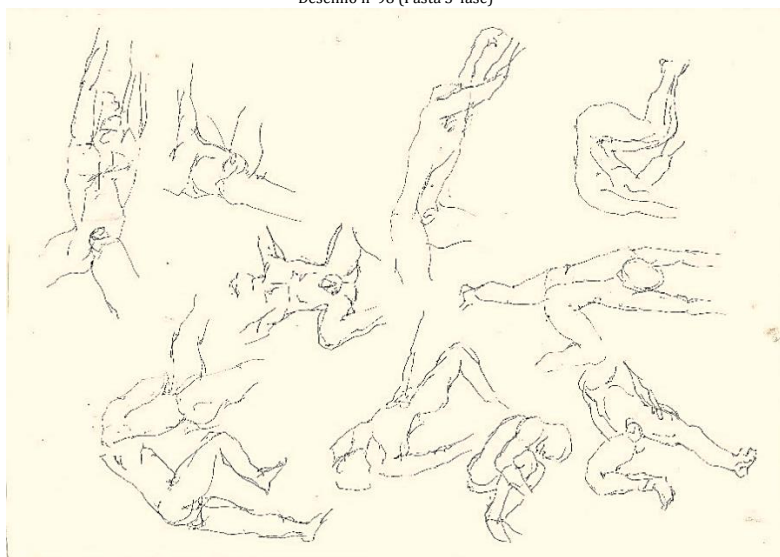
Desenho nº100 (Pasta s.t.)
Desenho nº 89 (Pasta 3ªfase)



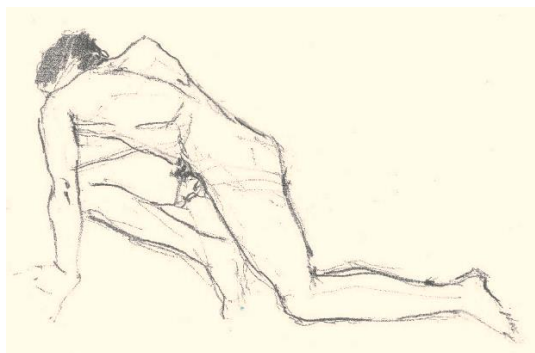
Desenho nº85 (Pasta s.t.)



Desenho nº98 (Pasta 3ª fase)



Desenho nº90 (Pasta s.t.)



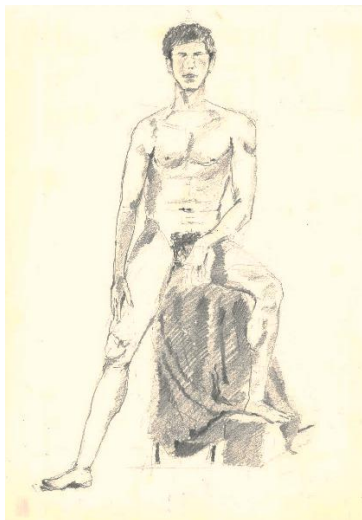
Desenho nº123 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº97 (Pasta s.t.)



Desenho nº130 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº127 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº87 (Pasta 4ªfase)



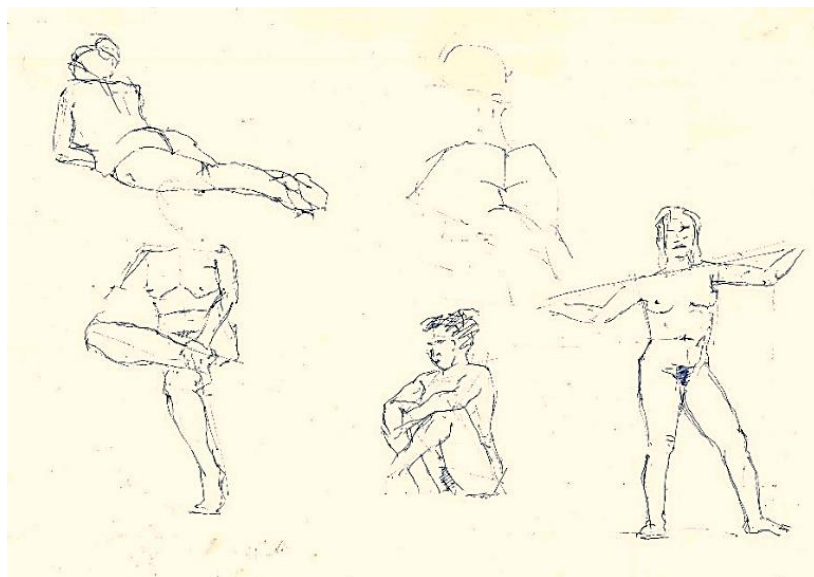
Desenho nº77 (Pasta 3ªfase)



Desenho nº122 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº128 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº131 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº 82 (Pasta s.t.)

Desenho nº 82 (Pasta s.t.)



Desenho nº129 (Pasta 4ªfase)



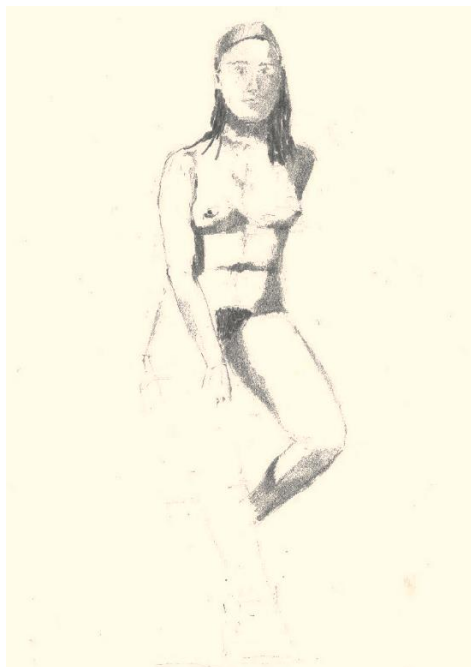
Desenho nº124 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº139 (Pasta 4ªfase)



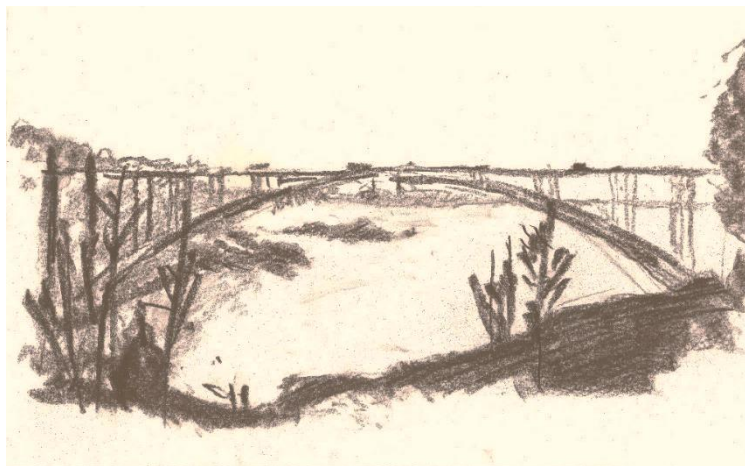
Desenho nº138 (Pasta s.t.)



Desenho nº125 (Pasta 4ªfase)



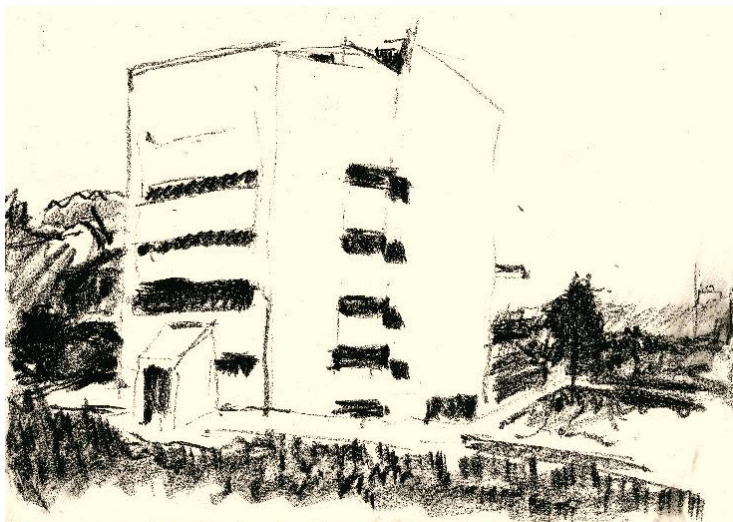
Desenho nº126 (Pasta 4ªfase)



Desenho nº14 (Pasta s.t.)



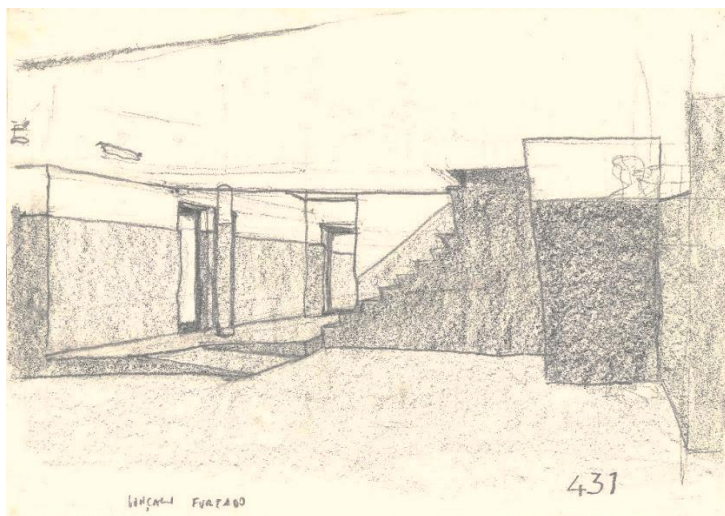
Desenho nº16 (Pasta s.t.)



Desenho nº201 (Pasta 1ªfase)



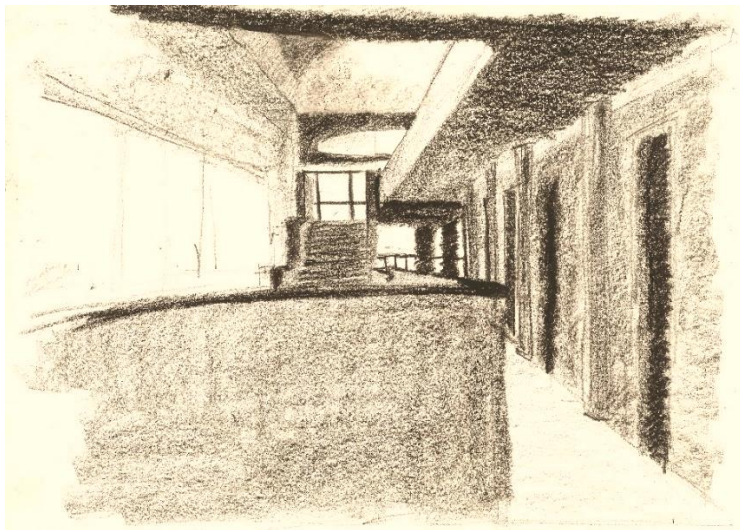
Desenho nº200 (Pasta 1ªfase)



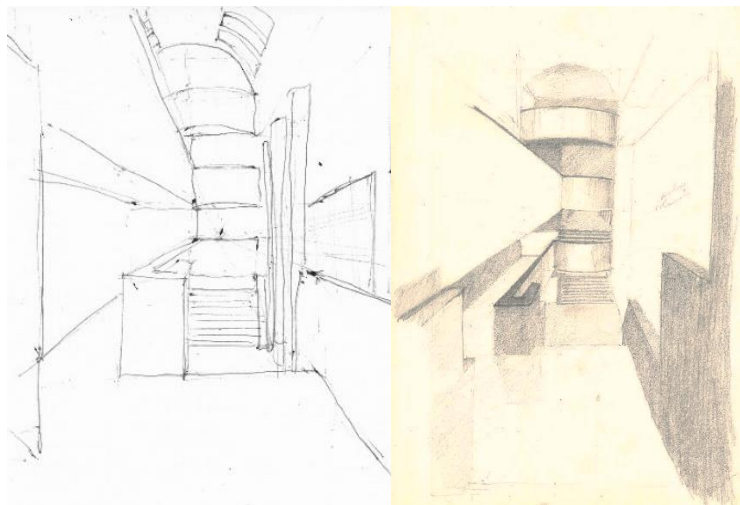
Desenho nº17 (Pasta s.t.)



Desenho nº79 (Pasta 3ªfase)

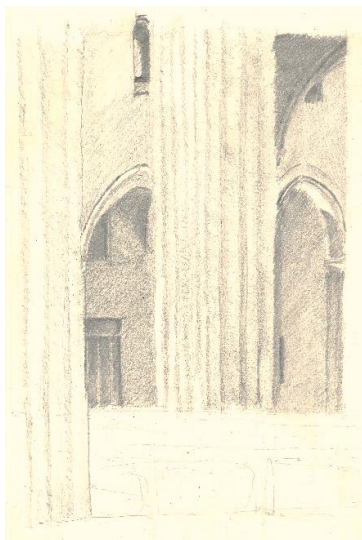


Desenho nº102 (Pasta s.t.)

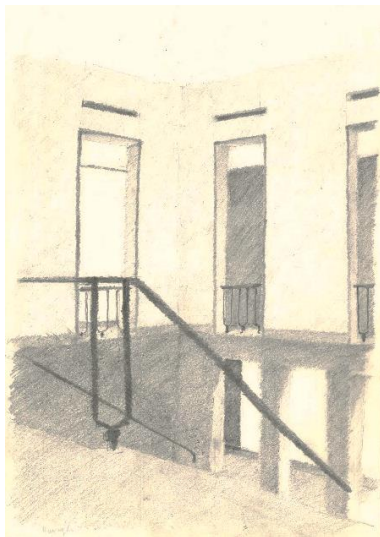


Desenho nº101 (Pasta 3ªfase)
Desenho nº103 (Pasta s.t.)

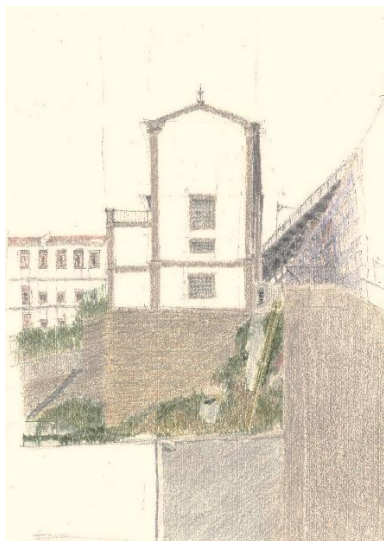
z



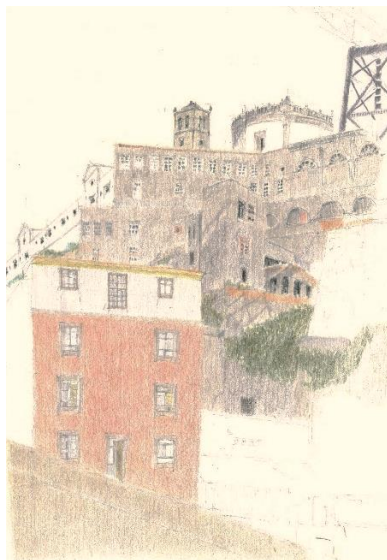
Desenho nº35 (Pasta 3ªfase)
Desenho nº36 (Pasta 3ªfase)



Desenho nº 43 (Pasta 3ªfase)



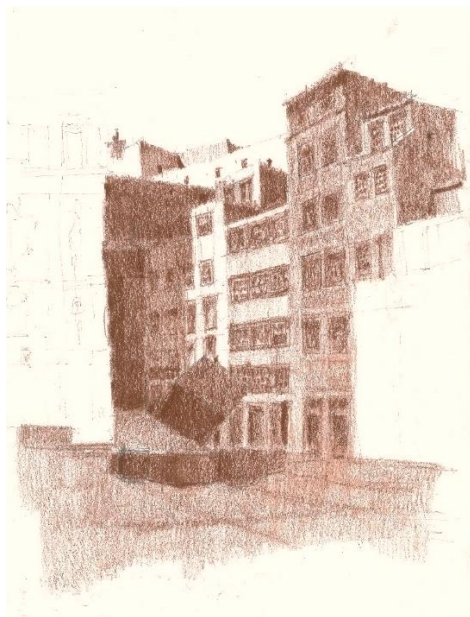
Desenho nº3 (Pasta s.t.)



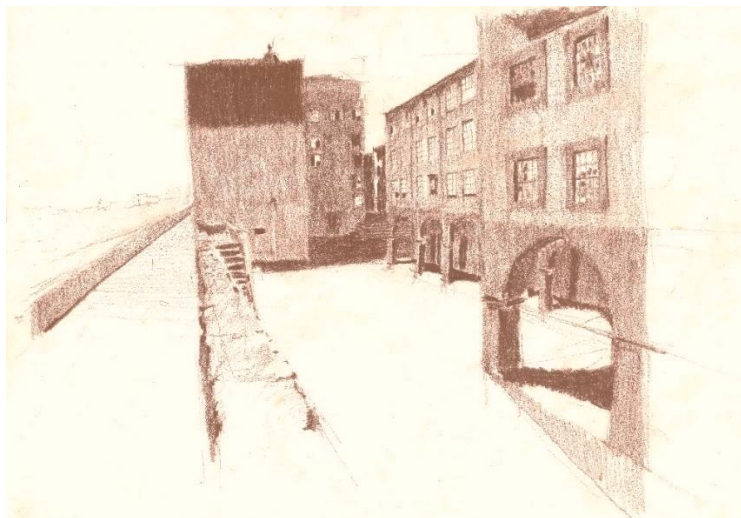
Desenho nº4 (Pasta s.t.)



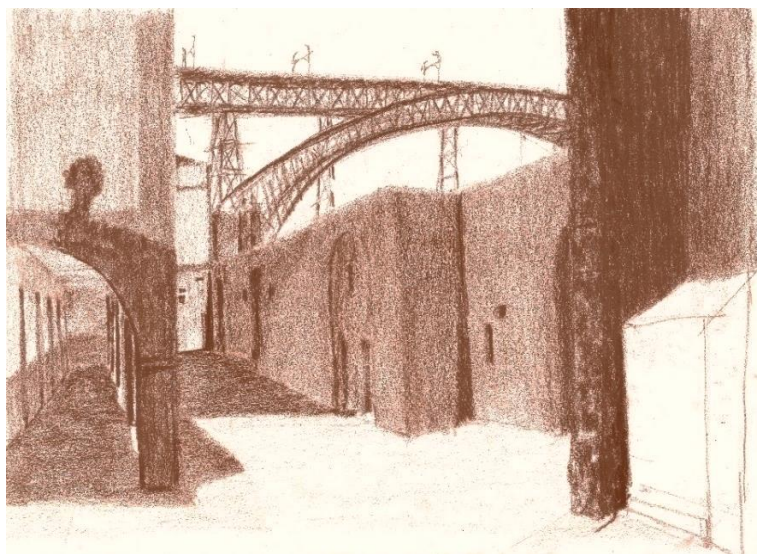
Desenho nº112 (Pasta s.t.)
Desenho nº117 (Pasta s.t.)



Desenho nº106 (Pasta s.t.)



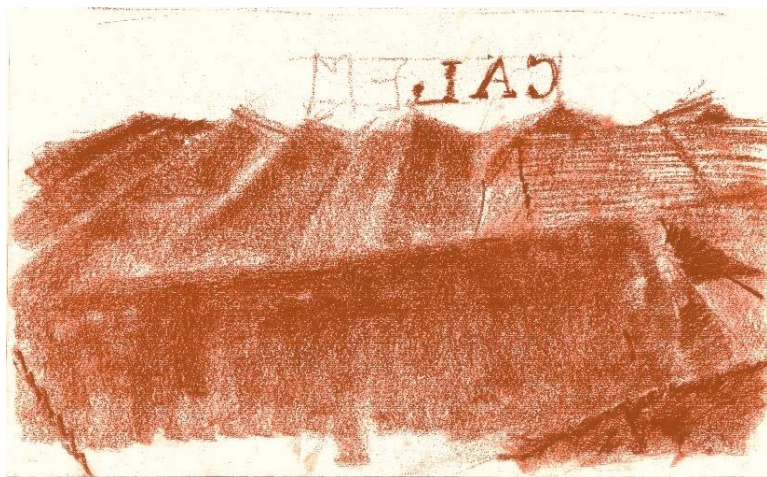
Desenho nº2 (Pasta s.t.)



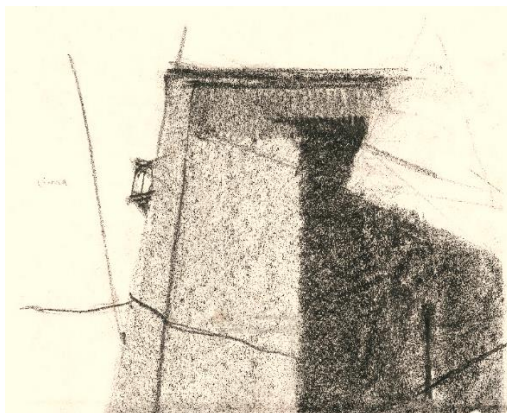
Desenho nº113 (Pasta s.t.)



Desenho nº116 (Pasta s.t.)



Desenho nº115 (Pasta s.t.)



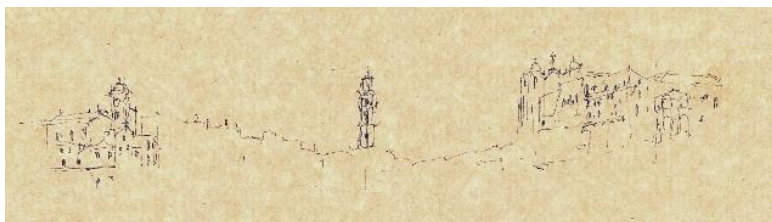
Desenho nº108 (Pasta s.t.)



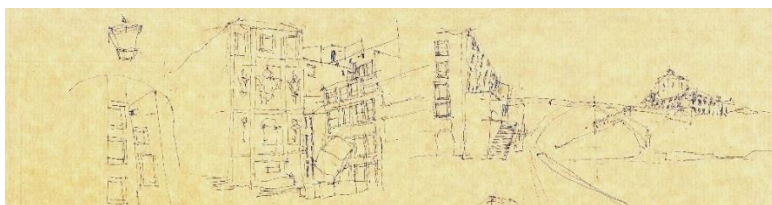
Desenho nº106 (Pasta s.t.)



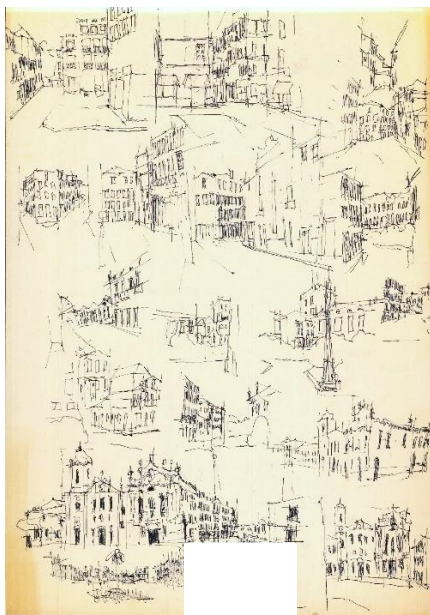
Desenho nº92 (Pasta 3ªfase)



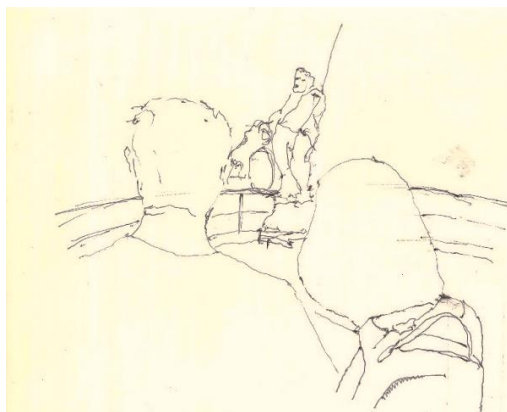
Desenho nº7 (Pasta s.t.)



Desenho nº6 (Pasta s.t.)



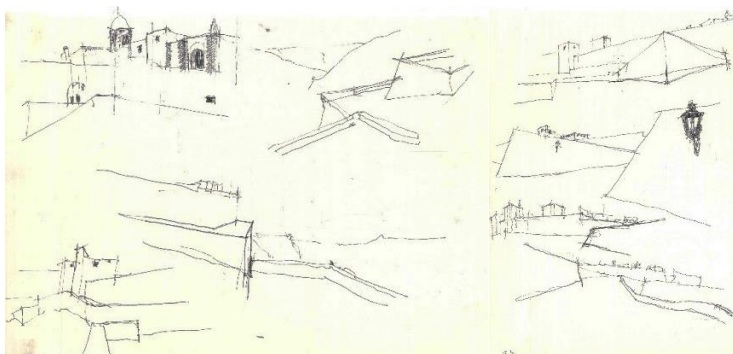
Desenho nº13 (Pasta s.t.)



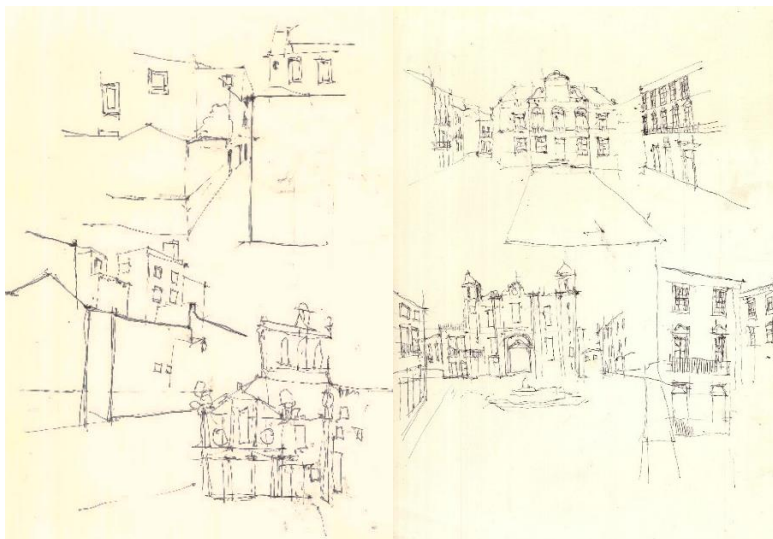
Desenho nº173 (Pasta viagem de estudo)



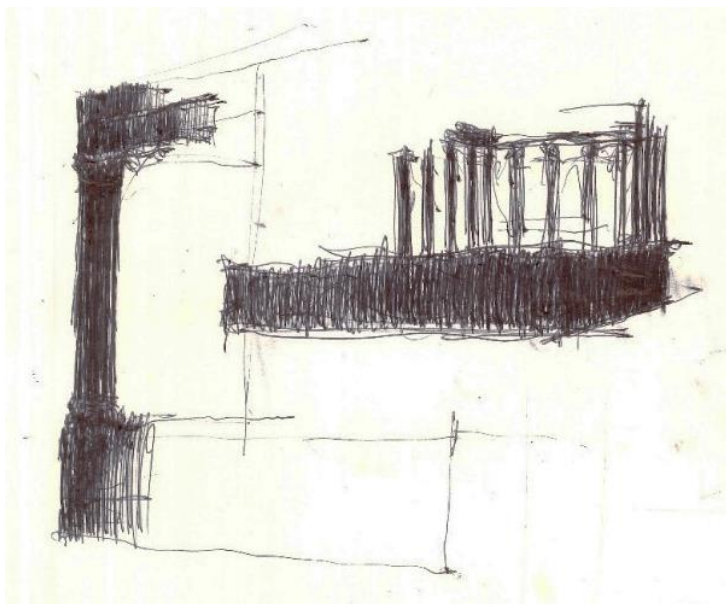
Desenho nº145 (Pasta viagem de estudo)



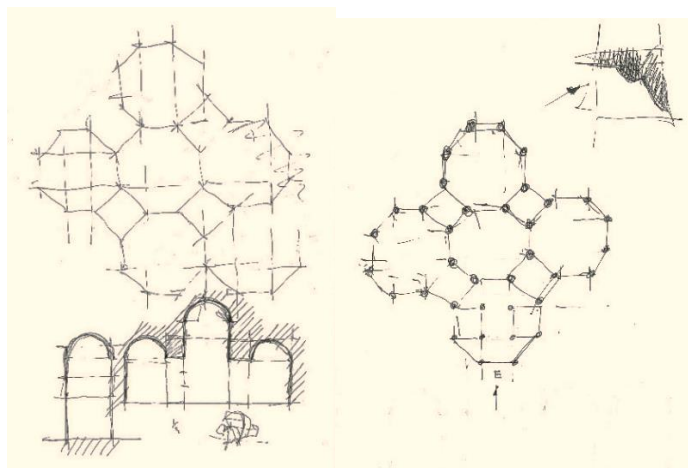
Desenho nº5 (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº1 (Pasta viagem de estudo)



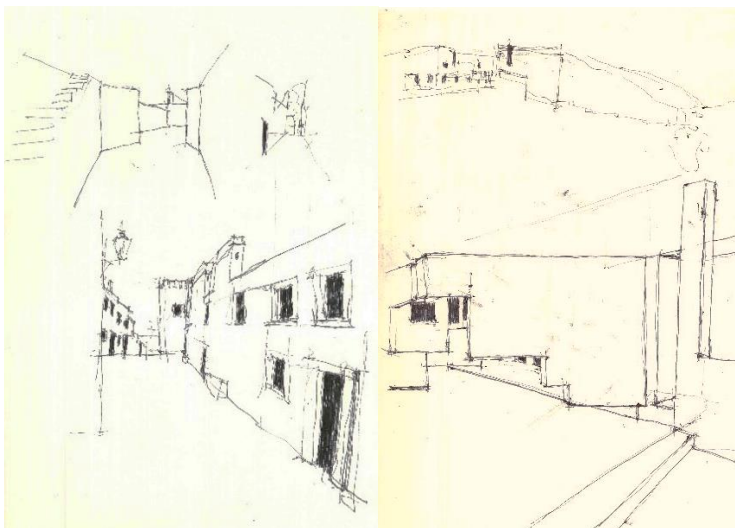
Desenho nº134A (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº134B (Pasta viagem de estudo)



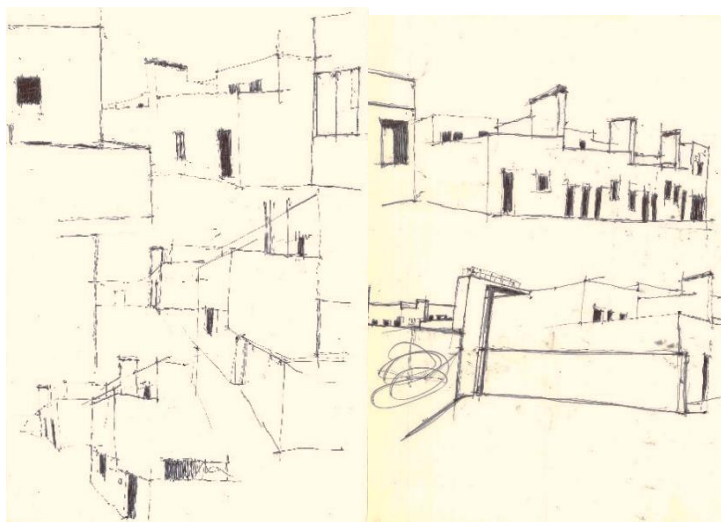
Desenho nº110 (Pasta viagem de estudo)



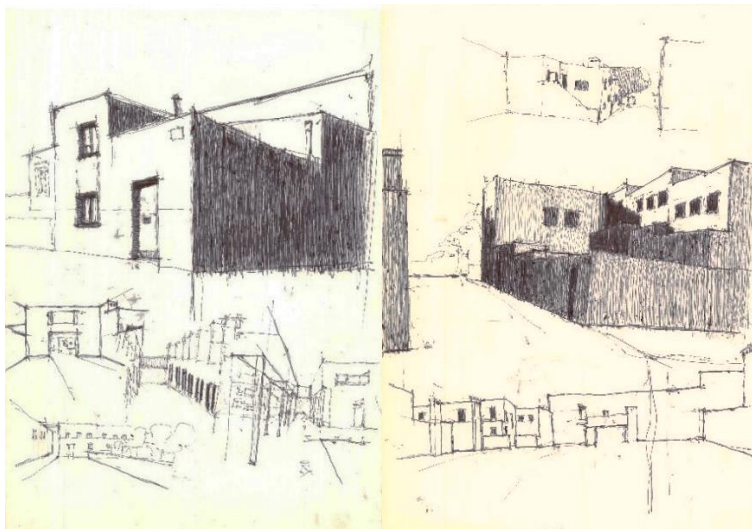
Desenho nº175A (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº175B (Pasta viagem de estudo)



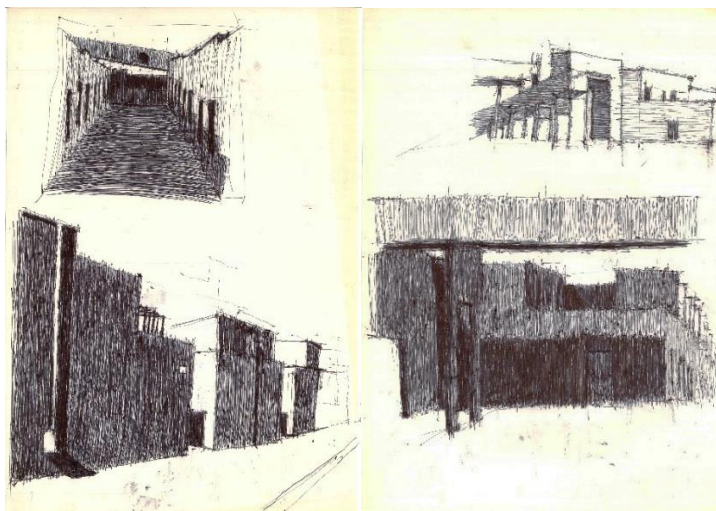
Desenho nº149 (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº96 (Pasta viagem de estudo)



Desenho nº151 (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº150 (Pasta viagem de estudo)



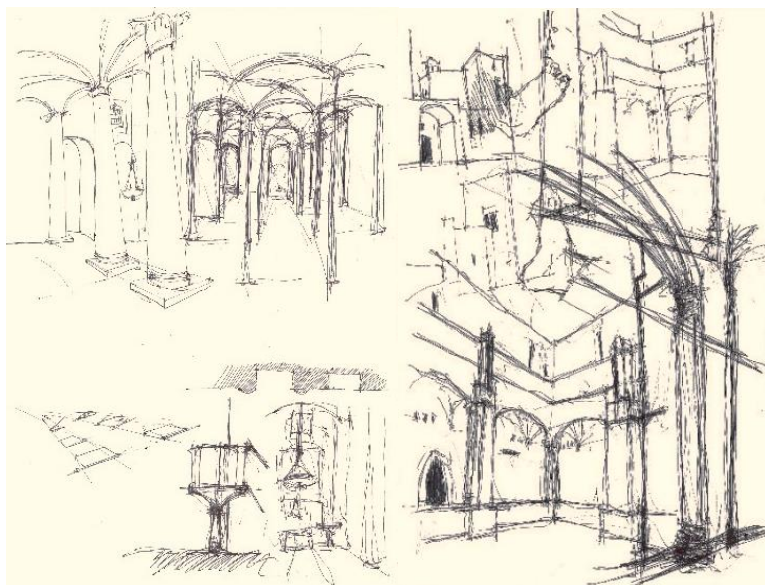
Desenho nº148 (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº152 (Pasta viagem de estudo)



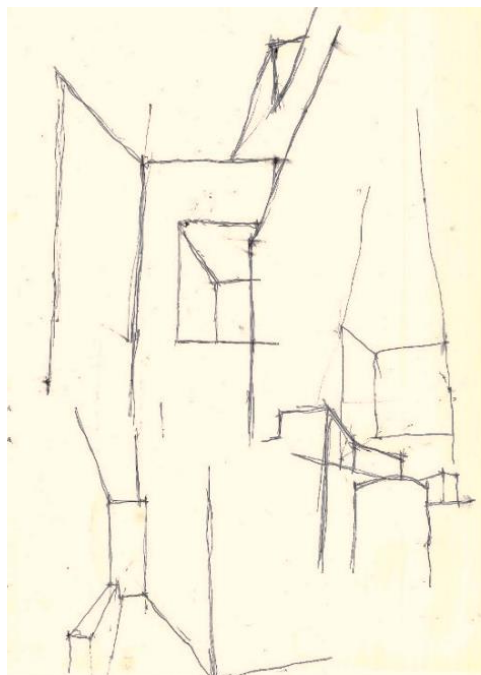
Desenho nº146 (Pasta s.t.)
Desenho nº145A (Pasta s.t.)



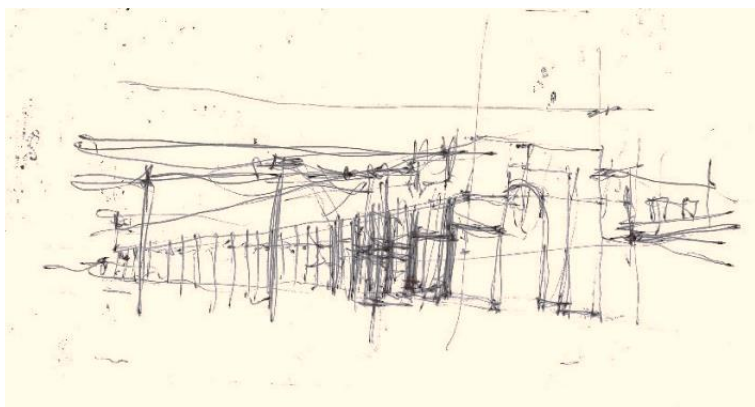
Desenho nº156 (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº161 (Pasta viagem de estudo)



Desenho nº171 (Pasta viagem de estudo)
Desenho nº158 (Pasta viagem de estudo)



Desenho nº162 (Pasta viagem de estudo)



Desenho nº145B (Pasta viagem de estudo)

UMA CONVERSA SOBRE DESENHO E ESCOLA (2021/2022)

José Barbosa, com Gonçalo Furtado

i.

GF - Eu entrei na FAUP do Campo Alegre em 1993. Não sei em que ano te licenciaste, mas anos antes ainda havia estudantes de arquitectura na ESBAP.

Tens memórias?

JB - Eu entrei em 1990 e licenciei-me em 1995. A arquitectura ainda estava na ESBAP, penso que até ao 3º ano, devem ter saído em 1995 ou no ano antes. Tenho memória de alunos como o Joaquim Teixeira, António Neves, o Mário Mesquita, o Laje. Ou o Laurent Scanga, um outro Pedro Leão, uma Maria João, a Vera Cabrita.

GF - Acho que a Vera andou por Serralves.

JB - Lembro-me dela trabalhar na Câmara de Gaia.

GF - Havia vários cursos, os seus alunos eram distinguíveis.

JB - Os da escultura são os gajos que pegam nas rebarbadoras, afastam toda agente que está à volta (riso),

GF - Fazem mais lixo, digamos assim. E os da arquitectura seriam os das minas afiadas (risos)

JB - Ficavam mais limpos, no bar e cantina

GF - Os estudantes de todas as áreas estavam integrados. Os de arquitetura estavam inseridos no meio ...

JB - Era.

GF - Tu, como o escultor, davas-te mais com os da pintura ou da arquitectura?

JB - Eu até me dava mais com os de arquitetura que da pintura, tem piada e foi natural.

GF - Almoçavam na cantina das Belas Artes, e sobretudo aí e no jardim, contactavam uns com os outros. Já não tinham disciplinas em conjunto.

JB - Já não tínhamos. Mas encontrávamo-nos ao almoço, etc.

GF - Havia convívio, e na escola ia-se ver o trabalho de outras áreas

JB - Sim era fantástico. Pessoalmente dava-me com um monte de estudantes de arquitectura. Eu ia ver o trabalho deles, e eles iam ver o meu.

GF - Os estudantes de arquitectura tinham interesse por arte e cultura.

JB - Interessavam-se muito mais que hoje, sem dúvida...

GF - E realizavam-se viagens de camioneta ao estrangeiro, por exemplo nos anos 90 várias a Barcelona etc.

JB - Fui à viagem organizada de 2, 3 camionetes a Barcelona, com arquitectura. Ficou baratinha para um estudante da altura, que não tinha dinheiro nenhum.

GF - Mas também fora da escola. Frequentemente no cinema, nas noites de domingo e à segunda no Cineclube do porto, e às quintas nas noites duplas do Coliseu.

JB - Fantásticas noites. Sim, quem enchia a parte de debaixo era a malta das Belas Artes e arquitectura.

GF - E saíam juntos.

JB - Íamos aos copos, por exemplo ao Guindalence. Era mesmo ao lado de onde vivia a Vera e a Lúcia, e o Laurent depois até acabou presidente do Guindalence durante muitos anos.

GF - Sobretudo à Ribeira, onde estava o Anikibóbo e ao Meia cave.

JB - Sim, era isso, era tudo ali na Ribeira. Mas também ao Mercedes e a outro que não recordo o nome ...

ii

GF - Eu ingressei na FAUP como monitor no final dos 90s. Como é que ingressaste na FAUP?

JB - Mal acabei o curso fui dar aulas pelos miniconcursos. Foi um percurso de 4 anos duro, porque percorri as disciplinas que havia. (riso) Na Soares dos reis, apanhei logo meia dúzia. Dei geometria descritiva ao 10 e 11º ano, história de arte, teoria do design, oficina das artes, e ainda aulas de apoio de geometria a uma surda-muda. No ano a seguir fui para Rio Tinto, 7º, 8º e 9º, dar EVT (Educação visual), e também estive a dar teoria do design. Depois fui para a escola preparatória de Paranhos. E depois, foi o último ano. Entretanto também comecei a dar aulas de desenho, muito poucas horas, no curso superior de desenho e pintura da ESAP

GF - Chegaste a ingressar num doutoramento, em Pontevedra.

JB - Surgiu a hipótese de ir fazer doutoramento em Pontevedra, onde fiz a parte curricular, entre 1998 e 2000. Fiquei então só com a ESAP, era um estouro dado que dava 10 horas de aulas à segunda-feira.

GF - Ingressaste na FAUP por volta de 2000, como assistente convidado.

JB - Era amigo da Susana Vaz, que estava na escola de arquitetura do Minho. Na altura, o Joaquim Vieira tinha perguntado aos assistentes do Minho, com quem tinha contacto, por possíveis candidatos para 2000.

GF - Criaras também na transição do século, a Galeria alternativa *Extéril*, onde eu expus.

JB - Começou em dezembro de 1999, e mantém-se

E tenho outro projecto que é o *Poste - vídeo arte* desde 2012. A versão 2.0, vai estar agora no novo espaço dos Maus Hábitos, em Vila real, a partir de junho. Tenho uns quantos projetos activos.

GF - A FAUP usufruiu de iniciativas interessantes advindas do grupo de desenho. Por exemplo as Sebentas surgiram há mais de uma década, da iniciativa do Vítor Silva (o outro regente, este no segundo ano). Integraram contributos escritos dos professores do grupo e desenhos de alunos compreendendo distintos exercícios.

JB - Sim, do Vítor Silva responsável pelo segundo ano e o José Maria Lopes com o primeiro ano. Em determinado momento passei a assegurar a produção da reedição das sebentas. São vendidas pedindo na livraria da Associação de estudantes.

GF - Já na direcção do João Pedro Xavier, as Sebentas respeitantes pelo menos ao 2º ano tiveram uma reedição.

JB - Fui eu que pedi e andei a tratar da reedição de todos os números. Fez-se um

lançamento, em simultâneo com uma das exposições do “Riscotudo”

GF – Promoveram um blog de desenho, de resto muito visitado. Talvez em meados anos 2000 ou 2010. Tinha o 1º e 2º ano, não sei se chegaste a pôr coisas de eventuais opcionais de outros anos?

JB - Os blogues de desenho foram criados por mim em 2006/2007 mas só ficou visível ao público em 2010. São 3 blogues – Desenho I, Desenho II e o da optativa de desenho “Figura Humana e Representação do Espaço”.

GF - Desde 2017, organizaram o ciclo de exposições intitulado “Riscotudo”. Comissarias com o José Maria, e a programação tem incluído exposições de professores de desenho (como o Marco Mendes, etc) mas também de projecto (ex. Luís Viegas ou Rui Cardoso), Teoria (eu próprio), ex-alunos (ex. Filipa Ferreira, etc), professores de Belas Artes e artistas (como o Emílio Remelhe etc).

JB – Tenho outras iniciativas pessoais.

No meu trabalho como artista plástico, a próxima exposição será na Extéril, sob o título “Mancha de texto”, compreendendo desenhos realizados a partir de texto (a cada um chama-se composição). Trata-se de composições realizadas a partir de 150 títulos de músicas dedicadas ou contra a guerra.

GF – Quando passaste a contratado?

JB – Estou na FAUP há um quartel de século, quase.

Entrei como assistente convidado à experiência, e depois terá sido dado aval pelos regentes Victor Silva e Joaquim Vieira, fiquei na escola. A partir de 2001. Passei a ter o contrato de assistente estagiário.

GF - Houve um concurso?

JB --Na altura o que havia, era os regentes darem um aval para o científico depois de entrevistarem um grupo de candidatos, e esse aprovava ou não. Deve ter havido, claro... (risos)

GF - O teu doutoramento, orientado pelo Victor Silva, acho que é intitulado Associação e articulação das imagens do desenho no projeto.

JB - O título é longo! E depois tem um subtítulo. “A linguagem do Desenho Artístico na Organização, Planificação e Comunicação das ideias”.

Tornaste-te professor auxiliar em 2016.

JB - Estive um ano e meio à espera para defender o doutoramento...

iii.

GF - E memórias ou conhecimento pessoal de outros protagonistas? O Alberto Carneiro deve ter saído por volta de 2000.

JB - Tinha saído nesse ano ou anterior. A única memória que tenho é da presença dele, quando houve um intercâmbio com a USP, em que eu fiz uma apresentação do que era o desenho II na FAUP, por volta de 2013.

GF - E o António Quadros?

JB – Também muito pouco. Convivi algumas vezes com ele, mas fora deste contexto de aulas ...

GF – Eram pessoas diferentes. Mas devem permanecer resquícios deles e das décadas que estiveram na escola até imediatamente antes de vocês entrarem, na vossa prática, por que estiveram na escola décadas.

JB - Sim, obviamente que sim.

Sei que foi um professor marcante em termos de desenho na FAUP. Ouvia falar coisas através do Vitor ou coisa do gênero, mas não tenho propriamente muita relação com isso, percebes?

GF - O Vítor Silva deve ter-se tornado professor autónomo e regente, quando começaste a trabalhar com ele. Antes integrara o grupo de assistentes do 2º ano (Alberto Carneiro), que incluía o Francisco Providência, etc.

O grupo de desenho incluía o Paulo Frade, o Pedro Maia...

JB - Já não estavam cá, tinham acabado de sair.

O Pedro Maia conhecia de fora, ainda que mal aquando da ESBAP, e expôs na Extéril.

GF - O José Grade também já devia ter-se aposentado. Mas estava a dar, aquele curso de “Desenhar desenhando” em conjunto com a Luísa Brandão.

JB - Exatamente.

GF - Também nunca trabalhaste com a Luísa Brandão.

Mas entraste para o grupo de desenho, que então incluía o Armando e o José Maria (que deveria ter entrado há um par de anos) e a Marta Seixas que faleceu.

JB - O José Maria Lopes entrou no mesmo ano que eu.

GF – Era comum ser professor em ambos os 2 anos. A regência era do Joaquim Vieira no 1º ano e do Victor Silva no 2º ano?

JB – Correcto. Sempre demos aulas nos dois anos. Trabalhávamos todos, tanto com o Joaquim Vieira no 1º ano, como com o Victor no 2º ano.

GF – Em determinado momento o 1º ano foi estendido de umas 5 para 6 ou 7 turmas, requerendo a entrada de mais docentes. Com Bolonha, num primeiro ano tentaram reduzir as 8 horas semanais (o que apenas durou 1 ano) e no 2º ano passaram as 4 horas a 3+1 (leia-se hora de estudo sem acompanhamento)?

JB - O 2º ano era de 4 horas em vez de 3 ou 3 + 1, aquela coisa que inventaram quando mudaram com Bolonha.

No 1º ano também aconteceu isso, mas os alunos acabaram depois por solicitar para voltar às 4 horas cada aula porque perceberam que 3 horas de contacto e uma de estudo não era produtivo.

GF – A redução no 1º ano apenas durou aquele ano.

JB – Sim, porque os alunos perceberam que só saíam prejudicados com isso. E no 2º ano só acaba por funcionar, oh pá, ... porque uma aula de desenho tem que funcionar, como um atelier... Nitidamente que se percebe que 3 horas é pouco, ao que acresce que só ocorrendo uma vez por semana, distancia o contacto com os alunos, e não cria todo um ambiente necessário de uma aula numa disciplina como o desenho em que é necessário desenvolver muitas matérias.

GF - O Joaquim Vieira deixou igualmente legado pedagógico na escola. Operou algumas sistematizações e estabilização do programa.

JB - Sem dúvida, o Joaquim Vieira é um marco importantíssimo do desenho I da FAUP. Foi ele que realmente começou a sistematizar um programa muito mais estável. E se hoje em dia desenvolvemos um programa mais estável ainda, foi à custa desse ensinamento que o Joaquim Vieira nos passou. Esse legado, é fundamental, porque as coisas constroem-se, por um legado, não caem do céu.

GF - Referes-te às duas décadas do século XX.

JB - A relação que eu tenho é sem dúvida com o Joaquim Vieira na primeira década. Não sei nada do que foi para trás. Quer dizer, sei algumas coisas pontuais, mas a experiência que eu tenho... do Desenho I, foi, inicialmente, com o Joaquim Vieira e, mais tarde, com o Zé Maria e alguns colegas do grupo de Desenho que têm contribuído para distintas adaptações e contributos importantes para o ensino do desenho.

GF - O Vítor também terá contactado directamente com o Carneiro para além do Joaquim Vieira...

JB - Sim, o Vítor trabalhou directamente com o Carneiro. Penso que o legado do Vítor é importante pelo modo como se vê e pensa o espaço através do desenho.

Por isso o legado do 2º ano é outro, sendo muito distinto do 1º ano.

GF - Ao legado do 1º ano, do Joaquim Vieira, tem sido dado continuidade pelo José Maria,

JB - Sim, tem dado continuidade. Mas não só, existe esse legado, mas o programa tem vindo a sofrer acertos, ajustes e tem sido num plano mais colaborativo entre os vários colegas, que têm participam activamente através de conversas que temos dentro e fora da escola.

O que sei hoje em dia de desenho não é comparável relativamente ao que sabia quando entrei para a escola. E se há sítio onde aprendi mais acerca do desenho foi aqui na escola, com o Vítor Silva, com o Joaquim Vieira e, complementarmente, com o contributo dos meus colegas! Disso não tenho dúvida nenhuma!

GF - O que é que isso quer dizer?

JB - Eu, o desenho que sabia ou conhecia das Belas Artes... era muito distinto.

GF - Olha que isto reverte em escrito (risos).

JB - Não tem mal! O desenho que sabia das Belas Artes era meramente intuitivo e era aquilo que eu já sabia. Se calhar, também não me esforcei o suficiente enquanto estudante. O que eu aprendi em termos de pedagogia, em termos de didáticas, foi com o Vítor Silva e com o Joaquim Vieira! Foram enormes lições!

GF - Mas lá tiveste montes de cadeiras lá, com muito mais horas de desenho.

JB - Claro...

GF - Lá não havia uma pedagogia assim como a que vocês usam aqui?

JB - Não...

GF - O desenho aqui é virado ao projecto de arquitectura, mas vocês lá também tinham um ensino sistematizado de desenho...

JB - Agora pode ser. Antigamente não era assim, era um bocado... totalmente diferente

GF - Cada um ia aprendendo?

JB - Exatamente. Se sabias, muito bem, se não sabias, azar! (risos) E por isso, grande parte daquilo que eu hoje sei foi, sem dúvida, a aprender com o Joaquim Vieira, com o Vítor Silva e com os estudantes. Isso não tenho dúvida nenhuma, isso é um legado importantíssimo.

GF - Os exercícios e matérias desenvolvidas hoje vêm desse legado, tirando pontuais afinações.

Hoje em dia, se há uma quantidade de exercícios e de matérias que nós desenvolvemos é desse legado! Não caiu do ... mas muitos exercícios sofreram alterações e adaptações porque a realidade de hoje é distinta. E, também porque o contributo de vários colegas tem permitido realizar afinações bastante importantes.

GF - O Joaquim Vieira tem um livro ou prova, o desenho/projecto, que li quando acabava o curso. Tu alguma vez viste?

JB - Sim, claro que sim. Já o refenciei várias vezes.

GF - O programa tem alguma coisa a ver com esse

JB - Há coisas que sim, outras coisas não.

GF - A sistematização cristalizou-se (em termos escritos) nas fichas dos exercícios?

JB - É nas fichas dos exercícios. E no que também discutimos, às vezes em pequenas conversas, ou em reunião por exemplo acerca dos desenhos dos estudantes.

GF - É natural a sedimentação de conhecimento num grupo, e sua transmissão oralmente. Mas ele ou vocês terão um programa escrito, digamos assim. Tu nunca tiveste assim um documento à frente a dizer é assim?

JB - Não, não. Havia um programa do Joaquim Vieira escrito, não é... mas as fichas de trabalho eram, mais ou menos, moldadas consoante a aula, e, agora ainda mais. Isso permite verificar que o modo de actuar na aula demonstre a capacidade pedagógica de cada professor, sobre a tomada de decisões no momento exacto.

GF - Estrutura-se em 3 fases, a primeira, a segunda e a terceira fase; quando apendi desenho tinha essas 3 fases (talvez medida/proporção, perspectiva, expressão?); compreendendo um trânsito entre tipos (modos de desenho distintos - esboços, contorno, esboços e de detalhe).

JB - As 3 fases, aliás que é a estrutura... A estrutura do bloco segue esse programa. Está lá: na primeira fase, aprende-se só a medir, as proporções, a escala; na segunda fase, a perspectiva (também se introduz na primeira fase) etc, O básico, não é? Na segunda fase, depois, é onde se introduzem os materiais, se introduz os modos do desenho. E a terceira fase. Os Modos do desenho... Isso foi estabelecido pelo Joaquim Vieira aqui na FAUP, que é: Compreender o que é o conceito do contorno, o conceito do esboço, do esboço e do detalhe. O Joaquim Vieira dividia nestes 4 modos de desenhar. Permitindo que o estudante compreendesse por etapas.

GF - É sobre isso que hoje ainda trabalhamos na FAUP. Usa-se essa terminologia entre vocês sempre.

JB - E é sobre isto que nós trabalhamos sempre. É claro que com o passar dos anos, temos trabalhado os exercícios em cima disto.

Sim, usamos esta terminologia, sim.

GF - Nas Belas Artes, também ou não?

JB - Usam, mas aplicam outros termos. Por exemplo, usam também o desenho diagramático, que nós não usamos. Mas usam igualmente o esboço, o esquisso, o contorno, o detalhe ...

GF - Haverá alguma especificidade no ensinar desenho para arquitetos?

JB - No 1º ano, não. É nitidamente aprender uma... o básico do desenho. Medir, proporção, perspectiva, instrumentos, claro-escuro, cor, etc.

GF - Desenho, seja de que área for?

JB - Seja de que área for, nas Belas Artes, em engenharia... Já tive alunos de engenharia a virem para aqui aprender a desenhar. Uma pessoa qualquer pode aprender! Sem dúvida, Não é especificamente de arquitetura, de modo nenhum. No entanto, e por estarmos numa escola de arquitectura, insistimos mais na perspectiva e situações espaciais variadas.

A introdução à cor, por exemplo, que é uma das coisas importantíssimas; e são poucas e raras as escolas que trabalham a cor como nós trabalhamos.

E depois trabalhar também, o claro-escuro, exercícios específicos que já entram só na segunda fase... O claro-escuro, aliás, ainda entra no início, no fim da primeira fase, mas é só uma pequena abordagem. A partir da segunda fase é que isso começa a ser desenvolvido. E a terceira fase, no fundo, é pôr tudo isto em prática.

GF - A terceira fase denomina-se - expressão e consideração.

JB - O aluno, para além de já "saber tudo" - o que é perspectiva, o que é medir, o que é a proporção, o que é o claro-escuro, o que é cor, vai aplicar isto no exterior ou na figura humana. Com a responsabilidade acrescida para o estudante de decidir sobre o que desenhar, que enquadramento? Que composição? Etc.

GF - A perspetiva é dada desde a primeira fase; com desenho no exterior de rua, de praças e cidade...

JB - A primeira fase é muito contida nos espaços, primeiro começamos em espaços da FAUP, tanto no interior como no exterior. Só mais tarde é que vamos para espaços mais complexos, como as praças e a cidade.

GF - Na minha altura de 1993-94, a figura humana - em termos de desenho de nú - devia ser mais na segunda/terceira fase.

JB - São na terceira fase, porque, desde que foi o processo de Bolonha, nós temos muito menos aulas. Eliminaram-se umas quantas aulas... Nós dantes ainda conseguíamos meter uma aula com o torso, uma aula com a Vénus, uma aula com o esqueleto, uma aula com o esfolado, e depois ainda tínhamos, para aí, 4 ou 5 aulas de figura humana. E agora temos 3 aulas de figura humana.

Houve uma redução no número dessas aulas, com tantas paragens e interrupções.

(Dantes não havia nada disto, nós nem na semana da queima parávamos, era sempre a trabalhar! Quais semanas de queima ou de testes... Produzia-se muito mais, sem

dúvida).

GF - O Vítor Silva também se tem se referido à redução de aulas aquando das reuniões de coordenação do 2º ano.

JB – Sim, é muito pouco tempo com os estudantes dado o tipo de matérias mais complexas que se aborda no 2º ano. No 2º ano, o legado que eu tenho, via Vítor, é outro.

Aliás, o meu doutoramento é, precisamente, desenvolver as matérias do 2º ano.

GF – No 1º ano, trabalhaste uma década com o Joaquim Vieira e outra com o seguinte regente José Maria. Substituíste-o um ano que esteve de sabática.

JB - Sim

GF – No segundo ano trabalhas há 2 décadas com o Victor Silva

JB - No segundo ano é outra coisa. Também assegurei a regência no 2º ano, em dois anos lectivos. É fundamental para um estudante que frequenta o 2º ano que tenha passado pelo 1º ano da FAUP.

As primeiras aulas e exercícios do 2º ano, são de preparação para o levantamento de um sítio (aulas de revisão da matéria acerca da perspectiva). É claro que tal ...

GF - Está relacionado com as sensações do espaço, e trabalhar com o próprio corpo no espaço que tem repercussões no modo de pensar.

JB - Muitas vezes, até uso um autor que é o Pallasmaa (e o Tadao Ando), para lhes tentar explicar o que é isto das sensações no próprio espaço; o que é medir com o próprio corpo no espaço. Ou ainda, quando Juan Luis Leyva diz que “o Siza é como um banco de vírus que se deixa infectar pelo sítio”.

GF - As primeiras aulas levantam a instalações da própria escola, através de sistemas de representação variados - plantas, cortes, alçados, perspectiva, axonometrias. E depois como é que essas imagens se articulam entre elas, depois disso, é que vão para o sítio do projeto.

JB - Como é que se pode, então, ler o espaço... Sim, as aulas na FAUP servem de preparação para o levantamento do sítio de projecto. Como é que os distintos sistemas de representação, na sua articulação, servem para ver, pensar e comunicar o sítio com o próprio projecto.

Depois há uma segunda fase, que agora está um fundida na passagem da primeira para a terceira fase, que é o desenho de cópia de desenhos. Aprofundar o conhecimento da arquitetura e de artistas.

GF – Mas com o desenho de cópia pretendem que o aluno desenvolva a sua linguagem gráfica. Tem a ver com questões de expressão, de articular imagens de distintas naturezas (num Painel/poster).

JB - Ao estar a experimentar e tentar copiar determinado autor, está a descobrir-se novas soluções gráficas, distintas situações espaciais, composições, enquadramentos, para depois... desenvolverem uma linguagem própria

A primeira parte da articulação dos diferentes sistemas de representação vai mais no sentido da leitura do espaço, não é? Como é que eu leio determinado espaço?

GF - A primeira e a segunda fase?

JB - E depois começa a estar fundida uma terceira que é só dedicada à perspectiva e expressão plástica através da aprendizagem do desenho de cópia... para pensar e comunicar o projecto

GF - Como é que o real e a imaginação se juntam... Mas pensei que eram imagens de várias naturezas, incluso plantas e coisas, e depois...

JB - Só perspectiva. Como é que a realidade... e a imaginação se encontram, permitindo imagens verosímeis da realidade em consonância com o projecto.

GF - Normalmente não é o aluno ver o projecto que está a conceber? Para além dessa coisa da cópia/expressão de um arquitecto famoso

JB - Não tem que ser um! Isso, às vezes, é só um mero exercício... A ideia é que... Eles até podem fundir autores, por exemplo, Picasso com Steven Holl... apesar de poder parecer contraditório ou paradoxal.

GF - A ideia é caracterizarem o projeto deles presos a uma estética, ainda que não seja a sua, ou descobrirem uma linguagem própria para o seu projecto que estão a fazer...

JB - Exatamente. Eles ao descobrirem... exactamente.

A terceira fase é a fusão da realidade com a imaginação, ou seja, dos desenhos de projeto. Como é que eles vão... Que tipo de imagens é que podem criar?

E é claro que isso depois implica conceitos muito mais complexos como o campo visual, o enquadramento, a composição. Que tipo de tensões se criam nas imagens, mais estáticas ou mais dinâmicas, etc.

GF - O enquadramento.

JB - E o enquadramento, que é uma coisa difícil. Mas se dermos esse conhecimento aos alunos, é um contributo... Criam imagens completamente diferentes. A visão que eles dão do seu próprio projeto é completamente distinta! Há alunos a realizarem imagens fantásticas, depois de começarem a perceber isto do que é o enquadramento, da relação com os eixos principais do enquadramento, da relação com a linha do horizonte, de como é que se produz uma situação espacial mais evidente. Das tensões que se produzem na imagem pelas linhas, manchas, volumes e por aí fora.

Por isso, todas estas matérias são complexas. E nós só temos 3 horas em cada aula para fazer isto! É pouquíssimo tempo!

GF - Pois...

JB - A terceira fase é assim. (E depois, o painel....) Fundiu-se com a segunda fase para ganhar mais aulas no sítio. (Um 5 aulas para ambas).

O desenho dos desenhos acabou por se passar para a tal hora sem contato...

Estas matérias - para articular imagens em perspectiva e comunicar o projeto - é complexo! Há matérias complicadas. Não é dizer-se ao aluno - *olha faz uns desenhos* - não, isso não chega! Tem que se falar em coisas, como a nossa relação com a linha do Horizonte e com o campo de visão, e não é confundir campos de visão com enquadramento, são coisas distintas (ainda que uma possa originar a outra). Isto precisa ... não sei de quantas aulas, não é atirar e já está, é preciso pôr isto em prática. E desenvolver uma linguagem própria demora o seu tempo. Estão envolvidas várias

matérias que, por natureza, são complexas e demoram o seu tempo a ser assumidas pelo próprio corpo e pensamento.

Agora, o 2º ano, por exemplo, acaba agora. Isto é coisa absurda. Alguém se lembrou dentro da escola de dizer que o desenho não acompanha o projeto e estamos a acabar agora (como acabam as teóricas)! Quer dizer, e os alunos ainda não acabaram o projeto e eles já estão a entregar! Não é? Pá... mas é uma pena.

GF – Retomando os legados, o 2º ano com o Vítor Silva e o programa.

JB - Pois, entretanto estávamos no programa. O Vítor sem dúvida que é para mim uma grande referência nas matérias do 2º ano. Aprendi imenso com o Vítor, e não foi à toa por acaso que o escolhi para meu orientador de tese. Porque me identifico muito com este tipo de trabalho.

GF – O Vítor é muito intelectual, e de uma ironia refinada! (risos)

JB - Para além de ser uma pessoa realmente com um conhecimento impressionante, é fabuloso. Há coisas que nós vamos conversando, que às vezes temos acerca dos desenhos... ano após ano, e há coisas que me interessaram ir desenvolvendo também...

GF – Estive em conferências e provas académicas com ele, mas nunca assisti a uma aula teórica.

JB – As teóricas do Vítor são bestiais, acho que os alunos não aproveitam, ou melhor, penso que eventualmente alguns podem ainda não ter a maturidade ainda suficiente para perceber o que o Vítor está a dizer. E é uma pena, porque o Vítor lança matérias... Oh pá, eu às vezes ainda tiro um apontamento para não me esquecer daquilo... matérias que às vezes uma pessoa quer desenvolver mais sobre o assunto. Por isso, sem dúvida que tem sido para mim uma grande referência...

GF - Estavas a dizer que os alunos não aproveitam, por não perceberem alguma parte que tenha complexidade, ou em que sentido?

JB - Acho que que alguns por vezes não estão muito interessados. No entanto, percebe-se, que existem uns quantos que tiram partido dessas aulas.

GF - Os alunos também têm interesse por aquilo que o contexto lhes promove a despertar consciência. Sabem que a escola se fundou muito baseada no desenho, entendermos que sempre terá importância, e entendermos que todas as matérias de cada ano são importantes

JB - Sim...

GF – O desenho teve centralidade o curso, no outro dia, o Joaquim Vieira dizia num evento de homenagem ao Grade, que: *a escola do Porto foi montada quando o Távora disse: vamos ter 12 horas de desenho.* Quando eu tirei o curso atribuíamos ainda quase tanta importância a desenho como a projecto. Mesmo projecto já não tem exactamente a centralidade então devida. Temos hoje de ver que há novos desafios, instrumentos (ei que te interessas por outros), ideias do que foi e do que é a escola a cada momento. Temos de perceber a transformação dos alunos e seus interesses, orientações da escola.

JB - Pronto, mas é isso que é preciso...

Não, não. Acho que a tecnologia e o desenho não são incompatíveis. Agora, uma coisa

não é substituída a outra. Aprender desenho é como quem aprende a escrever. Um escritor pode usar o computador, mas aprendeu a escrever, aprendeu uma linguagem. Se não aprendesse a linguagem, não podia escrever! O computador não servia para nada! E pensar com... O que no fundo nós pretendemos é levar a que os alunos pensem através das imagens, através do desenho, não é? Através de uma linguagem. Que é muito mais complexa do que as pessoas normalmente pensam. O desenho é muito mais complexo! Perceber sobre composição é uma coisa extremamente complexa, perceber sobre o enquadramento é complexo. Há muito trabalho para trás a ser desenvolvido. É preciso desenvolver, lá está, uma linguagem. Há uma gramática visual que é preciso desenvolvê-la. É preciso, obviamente, dar essas ferramentas aos alunos. Se eles não a aprenderem obviamente que não vão pensar dessa maneira. Por isso, o nosso objectivo começa logo no 1º ano, que eles cheguem ao 2º ano e comecem a ser autónomos no modo de pensar o espaço.

GF - Qual é a diferença, de como era há 20 anos e como é hoje?

JB - Como era há 20 anos... eu acho que é a mesma coisa.

GF - Para ti, lidares com um aluno há 20 anos ou hoje é a mesma coisa?

JB - Não. Aí não é bem a mesma coisa. Mas mesmo eu já tenho outra experiência que dantes não tinha. Por isso, o que eu ensino e que tento chamar a atenção aos alunos em determinados momentos não fazia há 20 anos, porque não sabia.

GF - Competências.

JB - Esse conhecimento, agora consigo dirigir os alunos a terem interesse em determinados aspetos que dantes não conseguia.

E nota-se que, com o tempo, os alunos sabem cada vez menos desenhar.

Nós tínhamos alunos que mesmo sem terem desenho, intuitivamente desenhavam bem. (sem aprenderem a desenhar) E, por isso, se calhar, tínhamos alunos excelentes. Mas isso porque as notas eram todas muito comprimidas e, prontos, também tinha a ver um bocado com como é que o Joaquim Vieira entendia o desenho. E como é que as notas eram dadas, no 1º ano por exemplo, nunca havia mais de 15 ou 16. Agora as coisas estão, se calhar... A equipa também melhorou, não é?

GF - Integrou bons professores, como o Marco Mendes, o Nuno Sousa, ou o Luis Lima que foi para as Belas Artes após uma década aqui.

JB - Como o Nuno Sousa, ... Infelizmente perdeu-se o Luís Lima que era um excelente professor

GF - Tem agora um Filipe Matos, ou o Jorge Abade.

JB - O Filipe, é um rapaz muito novo de Lisboa que também é bestial. Tem também o Jorge Abade. Por isso, a escola, na realidade, está a ter um grupo de docentes muito bons. E ou aproveitam ou não! É uma pena, porque pode acontecer como aconteceu com o Luís Lima e quer dizer, a escola esteve a formar um professor e deixa-o ir embora! E isto obviamente que tem consequências.

Mas em relação à minha experiência, nota-se obviamente que os alunos são menos interessados.

GF - Em desenho?

JB - Sim. É preciso falar acerca de algumas coisas que são importantes, para eles perceberem o que é isso de estar a desenhar lá fora com 7 graus. É um frio do caracas, mas que é preciso aguentar a aula e da importância de estar a realizar esse exercício. Às vezes apanho uns a fotografar com o telemóvel e eu digo: *não faças isso, não estás a fazer exercício!* Se nós quiséssemos que fizesses um exercício de fotografia eu dava-te e vou-te dar fotografias, mais tarde, para fazer outro tipo de exercício. Mas este que estamos a fazer aqui, cá fora, implica outras coisas, coisas muito mais complexas do que um aparente desenho. Trata-se da memória do próprio corpo com o sítio, por exemplo.

GF - Este grupo do 2º ano, em torno do Vítor há 20 anos, desenvolveu trabalho em redor do sítio.

O grupo de desenho é caricato, quiçá precarizado pela escola, com pontuais problemas entre alguns membros, mas constato a mesma paixão e linguagem sobre o desenho

JB - Estava-me a esquecer do Marco; mas o Marco entretanto saiu, teve uma bolsa FCT. Mas lá está, um excelente desenhador, e duvido que ele vá voltar...

GF - É de perceber/reter, que todo este trabalho desenvolvido é parte de um legado, uma construção...

JB - Está-se a formar docentes e depois vão embora. Na realidade é um investimento... se fôssemos a fazer contas (que agora é tudo com contas e com não sei quê) ...

iv.

GF - Falámos das décadas do século XXI, de 1º e 2º ano que constituem coisas/legados diferentes diferenciados.

Tu entraste em 2000, a FAUP tinha determinado ambiente e pessoas, uma escola toda branca com direção do Domingos Tavares e vice-direção de Rui Braz e depois António Madureira; e depois tinha outras pessoas. As coisas resolviam-se com espontaneidade senão no bar. A direcção de serviços era a Maria Luísa e etc

JB - Era o Domingos Tavares.

Eu tinha ensinado no ambiente artístico da Arvore. Mas apanhei alguma desilusão, porque estive a trabalhar 3 meses sem me pagarem. Depois isto aconteceu com os meus colegas. Mas pronto, quer dizer, eu tinha-me comprometido com o Joaquim Vieira... e com o Vítor, e por isso estava a cumprir com o meu trabalho. E esperava que a escola pelo menos depois devolve-se ... Mas pronto, pá, são aquelas coisas que ... Mas que era muito mais prazeroso.... O prazer que eu tinha de vir para a escola era muito maior! Mas muito maior!

GF - Há uns anos dizias-me isso no bar.

JB - Era um prazer, pá! Eu vinha para a escola com uma alegria incrível!

Ainda não vai há muitos... A partir do momento em que todo este sistema mudou, esta história dos rankings, tudo isto... Pá, isso destruiu tudo o que era esse prazer de vir para a escola... Destruiu tudo...

A academia tem passado por transformações. O vosso grupo também se calhar

inicialmente eram mais fechados.

JB – Não. Aquilo que uma vez disse até numa reunião da escola: Nós estamos no nosso canto, fazemos o nosso trabalho no silêncio e não incomodamos ninguém. Porque é mesmo assim... Um trabalho que se realiza no silêncio. E não precisamos de bandeirinhas, é pá, *estou aqui!* Pronto... Eh, pá, e eu sou assim! Eu uma vez estava a falar também com o Luís Viegas e disse: *oh pá, Eu sou um gajo tímido, eu não sou muito de andar aí a falar com este e com aquele, pá... Bom dia, boa tarde, é pá, tchau e...*

GF – Parece-me ser reconhecido (até internacionalmente) que se alguma coisa se ensina aqui é a desenhar. Muitos cursos de arquitetura, tem ensino pior.

JB - Sim, Ainda bem. As oficinas internacionais de desenho que eu dei, todos eles acharam fabuloso. Como é que é possível eu ter conseguido, em 3 ou 4 dias, ensinar-lhes determinadas coisas que eles não, não dominavam. Ficaram maravilhados, ainda agora com a oficina de Bruxelas...

GF – As coisas de embates económicos, toda a gente passa, enfim... Mas era prazeroso e muito mais natural

JB - As coisas eram muito mais descontraídas, não é? Quer dizer...

GF - Deves ter estado pouco tempo com o Domingos Tavares, depois entrou o Francisco Barata. Depois foram mais 8 anos, portanto... Eu penso que ele também dava muito valor ao desenho, não é?

JB - Sim, sim.

Depois entrou o Barata... Sim, é verdade que dava, dava.

Sim, sim. Aliás... Ele apoiou sempre... Ele, inclusivamente, queria que eu fizesse, (porque na altura eu fui-lhe propor fazer os blogs de desenho) uma página na *internet* comum a todas as disciplinas. Primeiro estava com muito receio de fazer os...

GF – Quando regresssei de Londres em 2007, ele estava e depois pediu-me para reprogramar Teoria.

JB - Oh pá, isto é para aí em 2006 ou 2007, se não foi antes. O Francisco Barata achou uma grande ideia e queria que eu fizesse para a escola toda! (risos) E eu disse - *oh pá, com é que... Nem pensar!* - Quer dizer, eu dentro da minha área sei como vou organizar uma página. Agora, eu não sei como vou organizar uma página para teoria, para projeto etc... Isto era uma coisa de doidos, não é?

GF – Percebia a importância de uma estrutura informática para toda a escola... Não era só sobre desenho? O Fernando Lisboa que era da área de desenho faleceu também por essa altura

JB - Pois. Isso não! Quero fazer isto como um projecto, depois ficou por ali...

Mas eu fui continuando a recolher desenhos, até que me decidi mesmo e criei o blog numa plataforma (gratuita, porque acho que é uma ferramenta gratuita fantástica).

Aquilo já tem mais de 10000 desenhos.

GF - E tem muitas visitas, tanto o do 1º como do 2º ano te uma centena de milhar desde 2010.

JB - Ui! Chega quase às 200000 os 2 juntos. O 2º ano já passou as 100000 e a do 1º vai nas 90000 ou por aí... Se juntar a do 3º...

JB - Foi em 2010 que eu coloquei. Está sempre aumentar, eu vou ver as estatísticas por países e é realmente fantástico. Nunca imaginei, quando fiz aquilo... foi uma carolice, para os meus alunos verem exemplos. Nunca me passou pela cabeça que fosse ter a dimensão que teve e tem.

GF - Agora com os direitos de autor vai ser complicado, não?

JB - Não. Porque estão todos identificados e têm a autorização dos alunos.

A partir do momento que são para fins pedagógicos, não é para fins comerciais, não há crise nenhuma.

GF - O Barata apoiava o desenho. Tens memórias desse período?

JB - Apoiava, era das pessoas que mais apoiava o desenho.

Foi também nessa conferência Internacional, nessa conferência Internacional com a USP, que ele foi lá, ao Brasil. Foi ele, foi o Alves Costa e o Fernández, o Vítor e o José Maria, acho que foram eles os 5. Foi um intercâmbio, eles primeiro foram lá ao Brasil...

GF - Quando vieram cá envolveram-te, também, não é?

JB - Envolveram-me. Aliás, fui eu que fiz o cartaz da conferência e depois participei ... na conferência.

GF - Seguiu-se o período da direcção do Carlos Guimarães, em que penso se discutiu o processo de Bolonha/plano de estudos?

JB - Discutiu-se o novo plano de estudos, já com o Carlos Guimarães. Foi quando veio o processo de Bolonha.

Aliás, que até foi quando houve uma tentativa de eliminar desenho, acho que a do 2º ano...

GF - Totalmente?

JB - Ou reduzir... já não me lembro bem.

Sei que houve uma... os alunos é que depois levantaram voz e disseram... da importância realmente do desenho. Era o ano/turma do Francisco, do Fernando Pimenta, do João Távora, etc.

GF - Era a "Quinzena 15 em 2014/15.

JB - Era por aí. Foi a primeira discussão que ouve, e lembro-me que os alunos se juntaram e precisamente demonstraram como era fundamental o ensino do desenho e a aprendizagem para o desenvolvimento do pensamento arquitetónico. Lembro-me disso perfeitamente... Só eu e o Vítor é que viemos do grupo de Desenho ...

GF - Mas olha, Bolonha não é antes de 2014? Antes disso já havia outras discussões... e depois disso. Nessa altura era o Zé Miguel o diretor do curso?

JB - É, antes disso Ah, pois. Sim, sim, sim.

GF - E depois, foi a direcção de curso pela Raquel Paulino. A direcção do Carlos Guimarães continuou com o João Pedro Xavier, de geometria que penso integrar o grupo e desenho.

JB - Pois, sim... Agora, pronto, isso aí...

Essas últimas direcções. Acho que são muito equivalentes.

As pessoas... mantém a mesma...

GF - Tu identificas uma linha... O que é diferente?

JB - A escola também mudou. a escola em termos de burocracia... Não foi só a escola, a universidade mudou, não é? E se calhar, também, essas direções foram levadas a isso.

GF - Notaram alterações em termos de quantidade de alunos? (Eu sei que não é disso que estás a falar). Acho que houve um aumento, não sei se foi antes ou depois de tu entrares. Tudo é mais ou menos constante desde que entraste?

JB - Mais ou menos a mesma coisa.

Aumentaram turmas. Aumentaram a partir do momento em que vieram os paisagistas. Éramos 4 turmas no 1º, e passou para 6. Ou 5 turmas e passou para 6, foi assim uma coisa.

GF - E teve a ver com isso, com a frequência de alunos de paisagismo?

JB - Teve a ver com paisagismo, exatamente. E depois também o aumento do número de Erasmus. (Era 4 a 6 alunos por turma, de paisagistas e 3 a 4 alunos Erasmus por turma). As turmas andavam à volta de 24/25, daqui da arquitetura, não é? Depois mais os repententes ia para os 30, depois mais os outros ia para os 40.

Houve um ano que eu cheguei a ter 43 alunos, 40 e tal!

GF - Em teoria também tive quantidades surreais.

JB - Agora começamos o ano normalmente com 32/34, depois há alguns que nunca aparecem e outros que ...

GF -

JB - Agora, quantos passam, depende dos anos. Normalmente chumbam por turma 2, 3, 1... Mas que também chumbam cada vez menos alunos é verdade. Mas isso também tem a ver com as nossas competências; conseguimos com que eles tenham melhores resultados, sem dúvida.

GF - Ah?

JB - Isso aí também não tenho dúvida nenhuma, porque o ensino agora e que ensinava há 20 anos, obviamente que é de outro nível, não é? Há 20 anos eu não conseguia que determinados alunos, com determinadas dificuldades, fornecer-lhes informação suficiente para...

GF - Consegues recuperar...

JB - Para além de ter várias soluções, antes... se calhar só tinha uma e se aquele não aprendia, chapéu. Agora, sei lá, um aluno que não está a perceber perspetiva, eu recorro, se calhar, a outras soluções para lhe explicar melhor a perspetiva ou outra solução para ele perceber melhor como é que funciona a perspetiva. Ou medir. Coisas básicas, e que dantes, obviamente, não tinha essas ferramentas. São coisas que vais construindo e que a prática te vai dando, como é óbvio. Qualquer um de nós terá outras soluções.

GF - E o ambiente da escola de referias que era prazeroso, depois enumerou-se uma sequência de períodos, iniciando-se o último quatro anos o correspondente à direcção do João Pedro Xavier.

JB - Desde que começou a sua vir este sistema dos rankings de escolas, esta aflicção de toda a gente querer andar a competir, eu acho que isso traz muito mau ambiente à escola. É onde se começa a perceber, que há pessoas que fazem de tudo para conseguir

os seus objetivos, não interessa se estão a fazer mal alguém ou não. Isso, é muito mau...

GF - Aplicarem isso ao ensino não é só aqui, é em todas as faculdades...

JB - Não é exclusivo daqui, claro, não é?

GF - Estas avaliações, começaram há uns anos, penso que em 2018.

A primeira vez que avaliaram foi há 4 anos, penso que na passagem da então direcção do Carlos Guimarães para a do João Pedro Xavier.

JB - Sim. Na altura ainda se estava a falar precisamente sobre... Aliás, a primeira equipa que se fez foi precisamente com o Carlos Guimarães, exacto. Lembro-me agora de estar a falar nisso numa reunião.

GF - Não se é apanhado de surpresa, porque isto já se falava. Agora depende de como as pessoas entram nisso

JB - Sim, isto já se falava...

Pois..., porque o país... Nota-se! O ambiente da escola mudou! Trouxe... e são demasiadas burocracias, a tecnologia só nos tem trazido... temos mais trabalho... O computador tem-nos trazido cada vez mais trabalho. Desde quando é que eu chegava a casa e ainda ia ver emails, ainda ia responder, fim-de-semana... Agora já nem abro sequer! Chega a sexta-feira e acabou. Não abro! Não quero saber! Porque, quer dizer, daqui a nada eu nem tenho vida particular, não é? Permanentemente... E isso abusou-se um bocadinho com essa história da pandemia.

GF - A pandemia quiçá veio... de algum modo acelerar isso.

O mandato desta direcção fica marcado por isso, avaliações que vêm de trás, a pandemia...

JB - Pois, os desgraçados ... quem teve que estar a gerir isto ... deve ter sido uma verdadeira dor de cabeça...

GF - Compete arranjar soluções. O impacto pedagógico foi ainda maior em disciplinas como projecto ou desenho ...

JB - Sim, claro. Em disciplinas práticas obviamente que o impacto foi grande. Mas mesmo dar uma aula teórica, tu consegues transmitir através do computador, não obstante não ser bem verdade, porque os níveis de atenção são muito mais baixos.

GF - Nas últimas 2 aulas eles tiraram as máscaras nas práticas, oh! Não nos conhecíamos, e também era outra coisa.

JB - Claro.

GF - Porque podes usufruir de feedback pelos alunos também pela expressão que fazem. Tu estás permanentemente a perceber se percebem ou se tens de precisar mais ou menos as coisas. Percebes a reverbação do comunicado.

JB - A comunicação era outra!

E através do ecrã, pior ainda, porque os níveis de atenção baixam nitidamente.

GF - Mas na verdade, dentro do das dificuldades que tivemos, até se conseguiu resolver e não correu nada mal.

JB - Ah, e eu construí... Estava-me a esquecer! Eu construí o *finestra* – *desenho num tempo record de uma semana e pouco.*

GF - O *Finestra* foi uma plataforma a que recorreram durante a Pandemia - feita

por ti com o José Maria, Armando, Nuno Sousa, etc – uma espécie de blog onde os alunos tinham acesso às fichas, a exemplos de exercícios, a imagens...

JB - Juntos a trabalhar permanentemente construímos isso

GF - O Moodle não servia para isso?

JB - Nem pensar, se tu fores ver o *finestra!*

E depois tivemos feedback de escolas - de pessoas exteriores de Coimbra, do Minho, da ESAP, da ESAD, da ESMAE - *Vocês fizeram um trabalho fantástico! Bestial!* E isto é que é extraordinário! Da escola ninguém nos disse nada..., parece que não fizemos..., nem imaginam o trabalho que foi para..., quer dizer, quando constróis uma...

GF - Está ligado com o blog?

JB - Não, não. Está! Também tem uma ligação: *finestra desenho....* Fui eu que o construí... em conjunto com... com o José Maria etc...

Uma página para funcionar bem tem que ser muito bem pensada! Não é só atirar para lá as coisas e já está, não é? A página tem que ser pensada em termos do utilizador. E, por isso, temos que pensar como é que o *finestra* podia funcionar bem do ponto de vista do estudante. E foi realmente uma coisa bestial! Foi mais uma coisa, mais um trabalho que eu nem me estava a lembrar disto, não é?

GF - Pois.

JB - E que funcionou muito bem durante a pandemia. Aliás, obtivemos resultados até melhores do que se estava à espera, embora com muitas... Claro que não é a mesma coisa que estar a ter as aulas presenciais! Os resultados...

GF - Olha, como é que foi a experiência de regência, as experiências que tiveste no 1º e 2º ano, que são muito diferentes e em que tiveste que trabalhar sobre um programa que é de outras pessoas?

JB - São anos muito diferentes.

Sim. Acho que o ideal, quando uma pessoa toma conta de uma disciplina com a importância do desenho aqui na escola, não deve arriscar, deve pegar no que está feito... Por isso, é pegar nas coisas e se queres fazer alguma alteração têm que ser coisas muito pontuais... Por isso, tanto de uma vez como da outra eu não alterei rigorosamente nada. Limitei-me a... Acho que são precisos anos de experiência para... E discussão com os colegas... Mesmo nós, às vezes, quando, por exemplo, queremos introduzir um exercício novo. Discutimos sobre o assunto e... durante algum tempo andamos a pensar sobre isso. Só depois é que o exercício é lançado. Porque os efeitos se forem maus, no estudante..., se o exercício funciona mal tu perdes logo ali uma quantidade de coisas. Por isso, quando se lança um exercício, é preciso ter muito cuidado! Às vezes uma pessoa pode fazer um pequeno ensaio só durante 1 hora, por exemplo, e depois vai ver: *Olha, foram estes os resultados, isto funcionou assim... Então se calhar o melhor era fazemos isso em vez de fazermos aquilo.*

Por isso, quando se é regente de desenho, tem que se ter algum cuidado! ... Embora todos os anos haja alterações, todos os anos nós fazemos afinações, que é normal. E melhorias. Aliás, não é à toa que os resultados cada vez são melhores. Enquanto fui

regente limitei-me..., não mudei rigorosamente nada.

GF - Não mudaste, e tentaste cumprir o programa que existia...

JB - Exato.

GF - E a experiência foi prazerosa ?

JB - Dá algumas dores de cabeça, é verdade.

GF - Tiveste o trabalho de preparar as teóricas e outras coisas, não é?

JB - Dá muito mais trabalho, como é óbvio. Para quem dá as teóricas! Quem não dê teóricas, não dá trabalho nenhum. (risos)

Para o 1º ano construí aulas teóricas, aproveitando algumas coisas do José Maria e do Joaquim Vieira.

O Vítor também me passou, mas eu preferi depois usar algumas coisas dele, outras... são diferentes formas..., agora não fugi às matérias, continuei na mesma.

Nesta conferência que eu dei para Bruxelas, o Vítor também me pediu umas imagens, *“É pá, tens ali umas imagens bestiais acerca da composição... Podias-me arranjar?”* - E eu, *“Claro que sim, é óbvio”*.

UMA CONVERSA SOBRE DESENHO E ESCOLA

José Maria Lopes, com Gonçalo Furtado

i.

GF - Estudaste na FBAUP?

JML - Sim.

GF - Quando eu frequentei desenho na FAUP, em 1993 o grupo era constituído pelo pintor Joaquim Vieira, o escultor José Grade, o pintor Paulo Frade, o pintor Pedro Maia, talvez a arquitecta Luísa Brandão, e no segundo ano, em 1994, o designer Francisco Providência e acho que o pintor Vítor Silva. O Vítor deve ter ido de sabática, porque lembro-me de o encontrar em Veneza no Verão de 1994 ou 1995.

Mais tarde, na transição do século os professores mais velhos reformaram-se, talvez por volta de 2000. E os mais novos em determinado momento também saíram, o Maia e o Providência para Belas Artes, e penso que o Frade para Aveiro. Entretanto o grupo envolveu o Armando Ferraz e a Marta Seixas, bem como a Raquel Pelayo, o Lino Fernandes.

Em que ano é que ingressaste na FAUP?

JML - Entrei em 2000, para a FAUP, como Assistente estagiário.

GF - Em 2000, o regente do 1º ano era o Joaquim Vieira, e, no 2.º ano, o Vítor Silva que substituiu o Alberto Carneiro.

JML - Sim, já estava o Vítor. Penso que era a primeira vez que estava como regente no 2º ano. O Joaquim Vieira no primeiro.

GF - A equipe de colegas com quem foste trabalhando. Terá incluindo o José Manuel Barbosa e, só mais tarde, a Noémia Gomes.

JML - Tinha como colegas o Armando Ferraz, o José Manuel Barbosa, o Lino, a Raquel Pelayo. Também se encontrava uma colega que, entretanto, faleceu, a Marta Seixas.

GF - Em determinada altura o Lino saiu. A equipe manteve os outros; mas depois entrou mais uma série de pessoas.

JML - Depois foram entrando assistentes.

GF - O grupo foi usufruindo de muitos professores convidados para suprir saídas. E a quantidade de turmas, incluso, aumentou em determinado momento entre 2009-2012.

JML - Sim, temos convidados já há bastante tempo. Alguns docentes trabalham connosco há mais de 15 anos e sempre como assistentes convidados.

GF - O grupo tem sido constituído praticamente pelos mesmos.

JML - O corpo está estabilizado porque somos quase sempre os mesmos. Mas não, não há uma estabilização do corpo propriamente dito.

GF - O Desenho 1 Incluiu, por exemplo, o Luís Fortunato, que saiu, e ingressou nas Belas artes.

JML - Correcto. O Luís saiu.

GF – Ou o designer Marco Camarneiro.

JML - O Marco está de dispensa sabática.

GF – A equipa de Desenho 1 até ao início da 1ª década do século XX, talvez 2008, era constituída pelos professores Joaquim Vieira, José Maria Lopes, José Manuel Barbosa, Armando Ferraz, Raquel Pelayo, Noémia Gomes e Marco Mendes.

E depois entraram, simultaneamente, há mais de 10 anos, o Ricardo Leite e o Nuno Sousa.

Só mais recentemente o Jorge Abade e o Filipe Matos?

JML – O Filipe e o Jorge são professores mais recentes. A Sofia Barreira também tem estado connosco episodicamente.

ii.

GF - Em 2000, o espaço, a direção, o que se passava na faculdade, era diferente. Que memórias tens como um artista que chega aqui?

JML – Bastante boas. O Joaquim Vieira permitiu uma integração no grupo disciplinar sem sobressaltos assim como um acompanhamento pedagógico que devo salientar. Por outro lado, o facto de no Desenho sermos todos da área das Belas Artes dava e dá, alguma consistência ao grupo. Parece-me bem e a manter.

Quando eu vim para cá, havia menos docentes, éramos só 6 e 6 turmas. Portanto, havia menos corpo docente e menos corpo estudantil.

GF - E mais tempo para estudar, acho que não havia tantas interrupções e talvez mais aulas, permitindo maior exploração? Requereu adaptação, redução ou simplificação de exercícios?

JML – A Desenho 2 havia mais tempo. Também não existiam tantas interrupções letivas; o ano começava mais cedo e acabava mais tarde, havendo mais aulas. Isso permitia uma exploração mais aprofundada das diversas questões programáticas... que tiveram de ser adequadas a esta nova realidade, que tem menos horas lectivas.

GF - E memórias da escola quando entraste, em 2000, que penso começava a ser dirigida pelo Domingos Tavares, acho que fez 2 mandatos, talvez 8 anos.

JML - Era o Domingos Tavares. Eu tenho uma memória muito residual do Tavares enquanto director, porque quem trabalhava diretamente com o Tavares e com os órgãos de gestão era o Joaquim Vieira.

GF - E depois foi o Francisco Barata, talvez por volta de 2007.

JML - E depois foi Carlos Guimarães...

GF – E, há poucos anos, o João Pedro Xavier. Portanto, no presente século, temos aqui quatro períodos ou gestões diversas.

JML - O conhecimento que eu tenho da escola é feito em regime de retrospectiva...

Entrei como assistente estagiário e depois passei a assistente. Apanhei a antiga carreira docente.

Num período mais inicial da minha presença na FAUP, as grandes questões relacionadas com a instituição escapavam ao meu conhecimento. Tinha poucas funções

atribuídas - era professor, dava aulas, coordenava com o Joaquim Vieira e com o Vítor Silva, e pouco mais.

Curiosamente, notava na figura do regente um certo peso hierárquico. Passo a explicar, o Joaquim Vieira tinha mais 30 anos do que eu. A longa e louvável carreira que já tinha enquanto professor de desenho nesta instituição acabava por estabelecer um relacionamento bastante formal.

O Joaquim Vieira e o Vítor Silva acabaram por se tornar elementos fundamentais naquilo que foi a minha formação pedagógica. Portanto, tenho que os saudar por esse serviço, por essa educação que tiveram para comigo. Falo por mim, pessoalmente, naquilo que foi a minha formação como professor e que, neste momento, acabou por também ter os seus frutos nas minhas funções enquanto regente.

GF - Por volta de 2005, acabaste por substituir o Joaquim Vieira durante a sua sabática. Em 2009 concluíste o doutoramento.

JML - Em 2005, primeiro, e depois em, 2009, quando passei a ser o Regente de Desenho 1.

Portanto, em 2005, houve uma espécie de experiência, para o Vieira aferir se eu teria as capacidades para dar continuidade à regência de Desenho 1.

GF - Relações com outras cadeiras do ano, etc.

A sala de desenho, é na torre H, e é uma das imagens da faculdade, aquela cobertura tipo Alvar Aalto

Tive lá aulas de desenho, tinha condições específicas com aquela entrada de luz, que funciona bem.

JML - A sala tem 2 zonas: Tem uma zona que potencia desenhos de claro-escuro, que é a parte de dentro em que a iluminação é cortada (porque realmente não entra luz devido a essas próprias inclinações e à orientação das aberturas). E tem uma que tem grandes janelas e que é muito mais iluminada.

São situações diferentes. A sala interior, potencia trabalhos relacionados com os fenómenos da luz e da sombra, e a de fora, desenhos mais analíticos, lineares, mais da área da relação mensurável do que da percepção sensível.

GF - E ao subir passa-se por salas de projecto.

JML - Desenho e Projecto funcionavam no mesmo edifício H. Mesmo que indirectamente, tal situação permitia uma possibilidade de visualização e de discussão acerca dos trabalhos realizados. Podíamos subir e descer e ir a uma sala de projecto ver o que é que se estava a passar. Tal era frequente, sobretudo em épocas de avaliação.

Havia convites para vermos os trabalhos estavam a ser feitos em projecto. Lembro-me de conversar bastante com o Mário Mesquita e com o José Júlio.

GF - Quem era o professor? Em Projecto do 1º ano, ao Sérgio Fernandez seguiu-se o José Manuel Soares.

JML - Que eu me lembre, quando comecei a visitar as salas de Projecto, o regente era o José Manuel Soares.

Independentemente disso, e antes de assumir funções como regente de Desenho 1, havia sempre aquilo que é a nossa conversa de assistentes, isto é: “Olha o que eu estou a fazer aqui; Como está a tua turma de desenho?”

GF - Em relação à arquitectura aqui do Porto, há um bocado a ideia de que o desenho é a base do processo de projecto de arquitectura.

O desenho é entendido, usado, e a definição coincide com a vossa?

JML – Há duas perguntas que se podem colocar: “Um arquitecto pode ser arquitecto sem ter tido desenho?” Repara, há tanta faculdade que é um exemplo disso, portanto, pode.

Agora: “um arquitecto pode ser arquitecto tendo formação em desenho?” Também.

GF - Considero que o desenho é imprescindível e uma mais-valia.

JML – Concorde. O Desenho é, para mim, uma ferramenta imprescindível no desenvolvimento projectual.

GF - E, por outro lado, é um factor, que também me parece muito importante e chave naquilo que é uma distinção da nossa escola.

JML – Sim, o Desenho, entendido até num sentido mais lato, é um dos factores de distinção da FAUP.

GF - Distingue-a pelo uso dele como força motriz, confere-lhe um grau identitário.

JML – Faz parte da sua identidade.

A herança que encontra no Desenho uma matriz, acaba por conferir à FAUP uma distinção muito particular. É, também, uma das razões pela qual a FAUP é procurada, em particular por estudantes que viram o Desenho desaparecer dos conteúdos programáticos dos cursos das faculdades de proveniência, estudantes Erasmus sobretudo.

GF - E o desenho é um instrumento usado em muitas unidades curriculares, não é só em projecto, é transversal.

JML – Claro. O Desenho é completamente transversal a todas as unidades curriculares do primeiro ano e a todas do segundo. No terceiro ano a sua presença já não se nota do mesmo modo. Todavia, as opcionais são da área do Desenho e continua a haver uma relação com o pensamento projectual relacionado com o fazer à mão, isto é, explicar projecto por desenho.

GF - Mas como método de investigação em qualquer área também, aqui na faculdade qualquer docente, esquisita e fala com o desenho.

JML – Falar por desenho... isso é uma marca identitária. E acho que é uma marca a não perder. Acho que é uma mais-valia. Sou de opinião que, na realidade, só se conhecem e se percebem determinado tipo de coisas se se desenharem.

Um pouco como na medicina, ou em outras áreas do saber, tens de experimentar para ver. Há matérias que é assim.

GF - Pelo desenho, quanto melhor ou mais desenhares uma coisa, melhor a conheces. Quanto melhor a conheces, melhor a desenhavas.

JML – Portanto, uma espécie de uma *pescadinha de rabo na boca*, não é?

Tu só olhas realmente para uma coisa, quando tens que a desenhar ou tens que escrever sobre ela. São, é modos diferentes.

GF - O desenho e a escrita têm esta capacidade de poderes pensar sobre as coisas, muito, para as poderes conhecer melhor.

JML - Há sempre filtro, e que se educa.

GF - Quando eu estou a representar um determinado tipo de coisas, estou sempre operar sobre a realidade. Eu não estou a fazer uma cópia da realidade tal e qual, eu estou a operar criativamente sobre uma coisa.

JML - O que eu vou fazer? como é que eu vou fazer? o que é que eu vou desenhar e o que é que vou omitir? são processos importantíssimos de decisão.

A composição, por exemplo - que é uma das coisas fundamentais em qualquer atividade artística - só se explora e consegue adquirir com o tempo e a prática. O tempo é um termo que adquire importância significativa no aprendizado do Desenho. É preciso tempo para se desenhar. O estudante precisa de tempo assim como os docentes para poderem trabalhar com os estudantes.

Referimos, frequentemente, que Desenho 2 devia ter mais tempo de contacto.

E devia haver mais até opcionais de desenho.

iii.

GF - Olha, só por curiosidade, posso-te perguntar assim muito rapidamente sobre a história da minha área disciplinar. Tens alguma referência de pessoas como o Fernando Távora, Octávio Lixa Filgueiras, o Jacinto Rodrigues, Beatriz Madureira, Teresa Fonseca, etc.

Ao longo da conversa faço a proposta que obviamente falemos de personagens chave como Alexandre Alves Costa, Domingos Tavares etc. Já não te deves recordar de outros como o Correia Fernandes, o Graça Dias, etc.

JML - Távora, a *referência* mas não tive contacto. Aliás, só tomei contacto com alguns dos nomes que referiste, como o Graça Dias, a Teresa Fonseca ou o Domingos Tavares. Sempre de modo abreviado.

GF - E do período que ingressaste, desde 2000 tens alguma memória de professores de Teoria? Por exemplo o Manuel Mendes que deu a Teoria do 2º ano pela primeira vez no meu ano de 1994?

Tenho...

Era o cadeirão, não era? A célebre Teoria do Manuel Mendes...

O Manuel Mendes, que acho que desde 1994 deve ter estado no 2º ano e em 2008 ido para o terceiro ano.

Gostava imenso de conversar com ele. Não conversei muitas vezes... Todavia foi sempre desafiante.

Os estudantes quando tinham Teoria eram convidados a pensar e a problematizar. Não se tratava apenas de uma questão *livresca*. Não! Tinham que saber pensar.

As conversas que eu tinha com o Manuel Mendes comungavam um pouco disso... Os assuntos eram os mais diversos e as conversas acabavam por ter um tom deambulatório.

GF - Deambulatório?

JML - ...sobre teoria! E era fantástico. Implicava, sobretudo, a capacidade em te posicionares criticamente sobre qualquer que fosse o assunto da conversa. Era preciso saber *coisas* para poder dizer outras *coisas*, não é? E eu gostava disso.

GF - Era intensamente afável, ainda que, muito pontualmente e quando necessário, também pudesse ser um bocadinho cáustico.

JML - Sim, mas ele sabia... reconhecia e usava esse lado mais provocador intencionalmente... Nas conversas que fui tendo com ele, essas qualidades de discussão que ultrapassavam o livro, o físico e que passavam do texto para a especulação provocadora sempre foram do meu agrado

GF - Esta parte, obviamente, tem mais a ver comigo ou com minha área, e menos com o resto.

JML - Sim, tem mais a ver com a tua área. Muitos dos nomes que elencaste, e como disse anteriormente, apenas conversei episodicamente.

GF - Claro. E da tua área?

JML - Quando ingressei na Faup os meus dois principais interlocutores eram o Vítor Silva e o Joaquim Vieira. Falávamos, em particular, das matérias do Desenho. Mesmo actualmente, e independentemente do assunto, a conversa é sempre complexa.

iv.

GF - Tu começaste a regência em 2009, penso que foi em 2012 que entrou aqui Bolonha, penso que a direcção do Francisco Barata remete talvez a 2006/2007.

JML - Ao longo dos anos a minha vivência na escola começou a cruzar-se com os diversos órgãos da faculdade. Num espaço de tempo de 9 anos, aquilo que é a minha memória de um assistente que vem dar aulas (e que o faz o mais competentemente possível) e que tem um supervisor que é o Joaquim Vieira, aos poucos foi-se transformando, acabando por resultar na minha nomeação como Regente da UC Desenho1.

GF - Depois começaste a ter outras responsabilidades, e estiveste no pedagógico muitos anos.

Também estive no pedagógico. Que acabou por me começar a garantir o acesso, por necessidade, a outros órgãos.

E depois comecei a ter responsabilidades diversas.

Comecei a ser convidado para várias coisas, por exemplo, também estive no curso EAPA.

GF - O Pedagógico foi muito tempo dirigido pelo Rui Brás? Também trabalhaste com ele.

JML - Trabalhei com o Rui Brás, mas trabalhei pouco. Já numa fase de fim de mandato de pedagógico... era ele o presidente, o vice-presidente era José Manuel Soares. A

memória que eu tenho do Rui Brás, é de alguém que já tinha uma experiência enorme no cargo, que conhecia os mais pequenos meandros relacionados com o funcionamento do órgão. Já tinha muito *jogo de cintura*...

E o todo funcionava, com serenidade, chamemos-lhe assim...

GF - O Conselho pedagógico é constituído por 4 docentes e 4 alunos, sendo que em caso de desempate o presidente tem voto de qualidade.

Só a título de curiosidade, o actual Pedagógico é dirigido pelo José Miguel Rodrigues, tem como vice o Mário Mesquita, e por outro lado tu e o Luís Viegas.

JML - Tenho um especial apreço pela constituição deste pedagógico.

GF - Retomando outros “fóruns”. Nós, lembro-me que estivemos na comissão de transferências talvez uns 2 anos. Não sei se nos cruzámos em alguma comissão de ingresso especial, maiores que 23, etc.

JML - Durante 10 anos fui presidente da comissão de reingressos, transferências e concursos especiais: a CERT. Aos pouco foram-me sendo atribuídos outros cargos

GF - O EAPA é o Estudos avançados em projecto de arquitectura.

JML - O Curso de Estudos Avançados em Projecto de Arquitectura, foi um curso para o qual fui convidado pelo Carlos Guimarães para fazer parte do corpo docente

GF - Isso é só mais para a frente. A altura do Barata. Algueres entre 2007 e 2014.

JML - A altura do Barata foi uma espécie de transição. (Ainda não estava no pedagógico). Entre aquilo que era a função de um assistente, para um caminho que se começou a trilhar, mais personalizado e, simultaneamente, com responsabilidades que foram sendo acrescidas. E ao longo do tempo até esta data. Com a manutenção, sempre da regência, de desenho.

GF - Há uma atura em que a escola começou a crescer, para uma escola mais de massas.

JML - Sim. Foi a partir daí.

GF - Mais turmas talvez?

JML - As turmas começaram a ser maiores, passaram de 6 para 8, porque já nem sequer conseguíamos ter capacidade logística. Foi durante a minha regência que se processou essa mudança, todavia, não consigo precisar o ano.

GF - Isto envolve a procura de estudantes que querem ter desenho, mas também a integração dos estudantes de Arquitectura Paisagista na unidade curricular de desenho,

JML - Que veio fazer com que a Desenho 1 engrossasse 2 turmas. Este aumento processa-se apenas a Desenho, e não implica mais nenhuma unidade curricular.

GF - Quando é que aconteceu essa articulação com a Arquitectura paisagista, talvez em meados ou na segunda metade dos anos 2000?

JML - Não tenho a certeza do ano. A regência ainda era feita pelo Vieira.

GF - Não sei se se sedimentou a oportunidade potencial, de relação também com essa instituição

JML - Penso que não. A articulação com AP resume-se, sinteticamente, às actividades lectivas...

GF - A faculdade em tempos também discutira a relação com outras áreas ou cursos, como o de Design.

JML – A situação é análoga... a articulação é reduzida...

GF - A Faculdade de Ciências deve ter achado que a formação base dada pela Faculdade de Arquitectura era boa. E, portanto, articularam entre instituições a possibilidade dos estudantes fazerem desenho connosco.

JML - Integrados nas nossas turmas. Tal corresponderia àquilo que seriam os seus anseios.

GF - E não nas Belas artes.

JML - E não nas Belas artes. A mim parece-me bem, em particular porque o desenho que nós ensinamos não é o que se ensina nas Belas artes. Há uma vertente mais ligada àquilo que são as questões arquitectónicas.

GF - E para vocês, vias diferenças ou desafios pedagógicos, entre alunos de arquitectura e os de arquitectura paisagista.

JML - Há algumas diferenças, em particular naquilo que são formações. Nós temos uma formação híbrida de base, com estudantes que vêm de ciências ou de artes. Por seu turno, os estudantes de paisagismo são todos de ciências. Vêm, grosso modo, com uma falta de literacia artística maior.

Naturalmente, tal não deve ser entendido como uma maior ou uma menor capacidade em representar ou em desenhar, mas de conhecimentos prévios.

GF - Mas essa literacia é importante para aprender o desenho?

JML - Isto é assim: nós fomos aprimorando a pedagogia do desenho. Desde que ingressei na FAUP, que as matérias sempre foram adaptadas, aprimoradas, os exercícios foram revistos, outros surgem, outros são deixados porque deixaram de fazer sentido. Há sempre uma revisão pedagógica que não opera por corte radical, mas por aquilo que é uma evolução natural derivada das necessidades que vamos encontrando.

GF - Estás a falar sempre do primeiro ano.

JML - Estou a falar do primeiro ano.

GF - Porque no segundo, presumo que o Vítor quando volta não tenha deixado de aproveitar pedagogicamente coisas do Carneiro?

JML - Sim. Penso que sim...

O segundo ano tem um programa que foi altamente reduzido em termos de carga horária, E, portanto, teve que fazer adaptações muito grandes àquilo que era o programa.

GF - O segundo ano têm 3 + 1 horas semanais, anual ou semestral?

JML - Basta isso – Desenho 2 termina quando terminam as semestrais. Por vezes articula com Projecto 2 e consegue prolongar o ano lectivo.

GF - Das gerações do Carneiro, do Quadros, do Grade, da Luísa Brandão, etc, ficaram bons resquícios.

JML - Há, há alguns. Os estudantes não notam isso. Notamos nós, mais como herança educativa.

Eu cheguei a ser aluno do Grade nas Belas-Artes, por exemplo.

v.

GF - Tu quando estavas nas Belas artes, do que te lembras do cursos de arquitetura? Como é que das artes os viam?

JML - Lembro-me.

Havia, geralmente, uma segmentação.

GF - Os escultores eram os gajos que estavam debaixo das árvores a descansar fisicamente, que aquilo deve cansar mais...

JML - Eu era do lado da escultura.

Era sujo. Nós encarnávamos a matéria suja. E os arquitetos e os de design a matéria limpa. E isso distinguia-se, até visualmente. No bar, no restaurante, cá fora, até por grupos de contaminações de interesses. Mas tive, felizmente, ótimas relações com os estudantes de arquitectura nos anos em que lá estive.

GF - Tinham alguma cadeira juntos? Tinham professores comuns?

JML - Não tínhamos cadeiras juntas. Mas tínhamos grupos de discussão. Isto é sentávamo-nos, - arquitectos, com designers, com escultores - à mesa, e depois conversávamos: *"O que é que estás a fazer em desenho? Ah, isso? Epá, a gente faz isto"*, comparávamos, víamos as diferenças. Era interessante. Isso era uma mais-valia. Os estudantes mais *arruaceiros* eram os de escultura. Não literalmente, mas antes no sentido de a própria matéria de trabalho potenciar o lixo. Imagina-te com uma rebarbadora em mãos e com uma pedra calcária - fazes uma poeirada tremenda. Ninguém se chega ao pé de ti, se quiseres que as pessoas se afastem (risos) é apontares para quem vá a passar. As pessoas fogem. Mas lembro-me disso com muita saudade. Mas lembro-me, sobretudo, da possibilidade dos estudantes poderem cruzar, aprendizados muito distintos. Os arquitectos, saíam, iam aos jardins e viam os escultores a trabalhar. Eu saía e ia a uma sala de projeto.

GF - Em que ano é que tu saíste?

JML - Por volta de 1988/1989.

GF - Estavam lá alguns anos de arquitectura e alguns já aqui.

JML - Sim, alguns estavam e outros estavam aqui. Quando eu entrei, ainda estavam muitos lá, quando eu saí, só estava primeiro e o segundo. Penso eu que foi assim.

GF - Alguns professores, quicá, ainda davam aulas em ambos cursos.

JML - Sim, o Grade dava aulas a ambos os cursos. Aliás, um ano, o Grade foi substituir um professor meu que teve um acidente. E essa flexibilidade, até de os professores poderem cruzar de um lado para o outro a fronteira dos cursos, tinha a sua graça.

GF - O Grade foi meu professor, e com a Luísa Brandão estivemos os dois a aulas no mesmo ano de Projecto.

JML - Eu e o José Manuel Barbosa entramos na FAUP porque saíram o Grade e a Luísa Brandão.

Quando fui entrevistado para ingressar na FAUP quem era a única pessoa que eu conhecia? O Grade. O Grade estava nas entrevistas e ele lembrava-se de mim.

GF - Também me estava agora a lembrar que se calhar estivemos juntos em exames. Pelo menos. Com o Vítor fiz, acho que também fiz contigo...

JML - Aquelas provas dos maiores de 23?

GF - Sim.

JML - Sim, fiz. Também fui responsável pelas mesmas.

GF - O Grade e a Luísa Brandão durante algum tempo continuaram a dar os cursos *Desenhar Desenhando*.

JML - Sim. Eles tinham um curso a que chamavam *desenhar, desenhando*, que foram deixando aos poucos. Aliás, o curso manteve-se mais 1 ou 2 anos e depois parou.

GF - Fizeste doutoramento aqui, 2009.

JML - Sim

GF - Deste período coincidente com a direcção do Barata, que memórias tens no espaço da faculdade.

JML - Foi durante a direcção do Barata que comecei a ter mais relações com a instituição derivadas, em particular, do facto de ter sido nomeado regente a Desenho 1. Tivemos sempre relações muito cordiais. Estive com ele e com a esposa no Brasil no âmbito de um intercâmbio com a USP, em que se abordaram relações entre Desenho e Projecto. Foi fantástico!

GF - Acho que eles foram lá dar um semestre ou uma cadeira ou algo, devia ter projecto e desenho.

JML - Sim, foi mais ou menos isso. E foi uma situação muito, muito, muito agradável. Era só projecto e desenho. Além do Francisco Barata e da Madalena também estiveram o Sérgio Fernandez, o Alves Costa, o Vítor Silva e eu.

Foi dentro desse contexto que fui desenvolvendo uma relação de maior proximidade com o Alves Costa e com o Sérgio Fernandez.

GF - Nessa altura se calhar já tinham saído da faculdade, mas após a primeira década do século XXI ainda estiveram ligados também ao PDA.

JML - Não consigo precisar.

Todavia, foi a partir dessa altura que comecei a tomar um maior contato com a instituição no seu todo e com as pessoas que, de algum modo estavam cá também há mais tempo, e não apenas com os novos docentes.

GF - O Alexandre Alves Costa dirigiu a escola após a transição das Belas artes e integração universitária, e antes das direcções dos que antes mencionei.

JML - Tive sempre sempre óptimas relações com as diferentes direcções que a escola foi tendo ao longo dos anos que referiste anteriormente. Sobre a direcção do Alves Costa, pouco posso adiantar. Todavia, devo frisar que sempre me senti generosamente acolhido pela instituição.

GF - Há pouco falava das equivalências/transferências, mas também me pediam para acompanhar visitas à faculdade.

JML - Estive nas “transferências” mas, antes disso, estive nas equivalências.

GF - E nem sei se havia despachos a nomear... Já nem me lembro como é que isto era?

JML - Eram coisas diferentes. Nós éramos nomeados pela direção para 3 ou 4 coisas diferentes: uma delas eram as equivalências de grau... Outra, eram as transferências, frequentemente de pessoas que queriam vir para aqui estudar mas que não tinham grau. Ainda havia as nomeações para os exames para os maiores de 23. Lembro-me tão bem disso...

Posteriormente, foi constituída uma comissão que se responsabilizava pela gestão dos diversos concursos, da qual fui presidente, e que convencionámos chamar CERT.

GF - Concursos especiais de reingressos e transferências.

JML - Ou seja, englobam o que anteriormente referi, incluindo os concursos especiais. Apenas ficam em regime diferenciado as equivalências de grau.

vi.

GF - Olha, e isso dá-te alguma percepção, de alguma mudança na comunidade estudantil? Por exemplo, atraímos mais estrangeiros!

JML - Dá! Cada vez há mais estudantes estrangeiros a quererem vir para cá. Abrandou, naturalmente durante a pandemia.

GF - Mas há sempre uma procura grande.

JML - São sempre mais as candidaturas do que as vagas.

GF - Se houvesse mais capacidade se calhar mais viriam,

JML - Sim. Provavelmente....

GF - E é curioso que de muitos países.

JML - Sim. Há um pouco de tudo.

GF - A maior procura neste momento, acho que é do Brasil.

JML - Sim, são pessoas naturais do Brasil.

GF - Mas começa a haver candidaturas incluso de países que não havia, sei lá tipo Síria ou Afeganistão...

JML - Sim, também há. Já tivemos estudantes da Tailândia. Não é frequente, mas começam a surgir estudantes de diversos pontos do planeta.

Mas a grande proveniência é de países como a Alemanha, a França, a Espanha, ou a Suíça.

GF - Itália, também, mas já se viu mais.

JML - Sim, naturalmente. Temos tido muitos estudantes de Milão, por exemplo, que frequentam o Politécnico. Procuram a FAUP, também pelo Desenho.

GF - Boas memórias?

JML - Eu tenho boas memórias das pessoas. E uma profunda amizade por algumas...

GF - O Francisco Barata era muito dedicado, e amável.

JML - Amável, para mim, sempre. Foi sempre muito prestável e sempre com um sorriso na boca. Sempre que me via no corredor fazia uma festa, quase que abria os braços, sobretudo depois que viemos do Brasil, em que nos começámos a conhecer melhor. Tenho uma boa recordação do Barata, quer pessoal, quer profissional.

GF - O Francisco Barata como director caracteristicamente estava muito tempo na faculdade.

JML - Sim.

GF - Estava muito presente, digamos assim. Com o Domingos Tavares já era assim, se houvesse qualquer coisa falava-se e resolvia-se na hora.

JML - Sim, havia um lado operativo que funcionava bem.

Tenho uma boa memória de alguns professores com que me fui cruzando.

Continuo a gostar de falar de Desenho com professores de projecto... O Rui Cardoso, o Mário Mesquita, o Luís Viegas, o José Júlio, a Raquel Paulino, entre outros... há um grupo alargado de pessoas que entende o Desenho como instrumento fundamental no desenvolvimento projectual. Mas estou a desviar-me do assunto...

GF - O Rui Cardoso, o Viegas etc, desenhavam bem também.

JML - Sim. Talvez por isso as conversas alongadas sobre Desenho, ainda que, por vezes, pontuais...

vii.

GF - Com o Carlos Guimarães a escola ficou mais branca, limpa, mas com um pouco menos poesia, talvez. Mais branca, porque o edifício foi reabilitado. Assegurou essa reabilitação necessária.

JML - ...talvez. Talvez possa ser uma frase...

Institucionalmente acabei por me relacionar bastante com o Carlos Guimarães, até por acréscimo de responsabilidades.

GF - Por estares em órgãos, no Pedagógico sobretudo...

JML - Sim. Mais envolvido na escola. Portanto, a envolvimento na escola faz com que nos tenhamos de envolver com as pessoas. É mesmo assim.

GF - E tiveste de ter mais contactos profissionais com o Carlos Guimarães

JML - Sim. Quase sempre situações profissionais, por vezes envoltas em algum formalismo.

GF - Não era os abraços nos corredores que há pouco mencionavas.

JML - Não, não era tanto. Era uma situação formal, mas funcional. Naturalmente, não tenho nenhum obstáculo quanto a isso.

GF - Nesse período acho que houve discussões dos planos de estudos, voltou a haver uma série...

JML - ... Uma série de questões...

GF - Talvez por volta de 2015...

JML - ... que envolveram a faculdade... Mas o grande problema apenso às nas unidades curriculares de Desenho estava relacionado o entendimento do Desenho no seio da Unidade Orgânica. Acresciam a esta questão assuntos como o decréscimo da carga horária, a possibilidade semestralização, entre outros... levantávamos algumas questões: como é que o Desenho se vai adaptar e, em última instância, sobreviver e reinventar?.

Curiosamente, é no primeiro ano que Desenho vai garantir a sua maior presença. Entre outras razões, a estabilidade da UC Desenho 1 beneficiou do facto da UC não ter passado a semestral. Ficou anual, tal como Projeto 1.

GF - Por ti tinham ficado os 2?

JML - Sim, exatamente. Projecto e o Desenho ganharam uma consistência que é reconhecida quer pelos docentes quer pelos estudantes. Por outro lado, reduziu-se a carga horária em Desenho 2...

GF - E?

JML - Existe a percepção generalizada que a vontade da UP é, sempre que possível, tornar as UCs semestrais. Uma espécie de normalização. Penso que ser igual não é ser melhor! E compete-nos a nós reivindicar essa diferença.

GF - Exactamente.

JML - A título de exemplo: Desenho 1 já teve apenas 6 horas semanais - 3 + 3, - derivadas de ajustamentos de cargas horárias. No ano seguinte voltou-se à fórmula de 4 + 4 horas! Não foram apenas os docentes a mostrar descontentamento: foram os estudantes, também.

E a opinião dos estudantes é, sempre, bastante valorizada. Se tivermos um corpo de 200 estudantes a dizer que não está bem, isso vai ter um determinado impacto.

GF - Não sabes em que ano é que isso foi?

JML - Não me recordo, tinha que ir ver. Também ainda não estava no pedagógico. Não consigo precisar.

GF - A área disciplinar de desenho é uma nuclear do ensino de arquitetura aqui da faculdade?

A mesma inclui outras UCs, como geometria, etc.

JML - Sim, Desenho tem algumas vertentes: Desenho 1 e 2, Geometria, todas as opcionais de 3º ano...

GF - Mas há articulação entre as áreas?

JML - Há matérias que são transversais e, nesse sentido, abrem vias para que se possam estabelecer pontos de colaboração. Já fiz algumas coisas com a Alexandra, de Geometria. Tanto Geometria como Desenho se debruçam sobre questões relacionadas com a perspetiva. Todavia, as abordagens são distintas. A proposta de se trabalhar sobre um mesmo tema e poder discutir processos e resultados é uma mais-valia para todos.

Existem zonas de contaminação.

GF - Olha, mas também o facto dessas experiências serem, de algum modo, gratificantes, e terem sido realizadas às vezes, não sempre, têm repercussões no programa...?

JML - Não de modo directo. Trata-se de experiências pontuais derivadas das práticas pedagógicas. Se sistematizadas, naturalmente, deverão ser incluídas no programa.

GF - São exceções e, portanto, não tem havido articulação entre estas UCs que estão dentro da mesma área chamada desenho. Também não vamos discutir se CAAD articula alguma vez ou não, ou que tipo de desenho é para ti...

Conhecendo que tens um trabalho artístico que envolve muitas coisas, eu calculo que para ti qualquer médio seja...

JML - Sim, não sou fundamentalista.

E já para não falar da fotografia, porque agora há opcionais com fotografia.

JML - Sim. Fotografia. Também temos FHRE (Figura humana e representação do espaço), no terceiro ano.

GF - Mas é dado por vocês?

JML - Este ano é por mim. Fui eu e o Vítor que montámos o programa dessa unidade curricular opcional... foi criada há mais de 10 anos.

GF - Penso que numa altura a escola procurou solicitar propostas de opcionais

JML - Foi na altura de mudança dos planos de estudos

GF - O CAAD, quando estudei, acho que era fixo e depois passou a opcional.

Seguiu-se uma diversificação de opcionais

JML - CAAD e FHRE foram, durante algum tempo, as duas únicas opcionais que havia no terceiro ano. Primeiro foi CAAD, e depois surgiu FHRE. Posteriormente a oferta foi-se diversificando.

GF - Portanto há muitas cadeiras da área de desenho, obrigatórias ou opcionais, em vários anos.

Mas referindo-me, agora, toda a FAUP, há ainda reuniões de coordenação horizontal (no mesmo ano), e devia haver mais coordenação vertical. Talvez também fosse benéfico haver um sentido mais congregador das áreas, grupos e UCs, e o que são minudências internas da UC serem geridas no quotidiano para o melhor funcionamento dessa.

Mais recentemente, em 2018, iniciaram-se as avaliações docentes na FAUP, (no meu caso compreendiam o período iniciado em 2008!) E depois seguiram-se concursos e afins, que, enfim...

A verdade, é que a escola evoluiu para uma heterogeneidade de pessoas, com idades, ambições, formas de estar e competitividades muito diversas.

Talvez venha ocorrendo uma certa pseudoprofissionalização ou burocratização no ensino superior, que pode aportar alguma degradação de relações entre pessoas e grupos...

JML - Avaliações e concursos...

Há sempre competição. Estamos sujeitos a responder a uma série de proposições que, de algum modo, pretendem avaliar as nossas competências enquanto docentes nesta instituição (FAUP). Fazem parte do elenco de solicitações a realização de *papers*, a participação em congressos, as comunicações proferidas, etc...

De algum modo, quantifica-se o que é quantificável. Por outro lado, é muito difícil avaliar as capacidades pedagógicas. Isto é, a nossa função primária enquanto docentes. Temos de ser um pouco (ou muito) de tudo. Temos de ser artistas, arquitectos, temos de ser professores, oradores, investigadores... idealmente, também deveríamos ter assento nos diversos órgãos de gestão ou ter funções de outra ordem.

É feita a aferição quantitativa do número de *papers*, ou de comunicações, mas não se afere a qualidade dos mesmos ou se somos competentes pedagogicamente.

GF - E por aí a diante... 1001 coisas...

JML - É complicado!

GF - Eles têm factores, por exemplo no âmbito das publicações... têm coisas que é o fator de impacto... têm coisas assim... Mas enfim

JML - ... é assim...

GF - Um regente tem o trabalho acrescido de conciliar universos de colegas e turmas de alunos diferentes, não comparáveis. Tem de gerir algumas coisas

JML - Em Desenho temos oito turmas, oito docentes e, este ano, cerca de 230 estudantes. Dentro deste contexto a gestão e a coordenação afiguram-se sempre complexas.

GF - Pois em Teoria a média é 170, estive 1 década com todas as turmas práticas, cheguei a ter turmas com mais de 40 alunos.

Em Desenho deves ter outro problema como com as distribuições de serviço, saber quem podes contar e se há turmas para todos os colegas que ao longo dos anos têm sido convidados?

JML - Houve uma altura em que, realmente, as coisas estiveram complicadas em termos de contratação. Todavia, consegui articular com a direção e com os assistentes a carga horária a leccionar, de modo a que nenhum docente fosse excluído das suas funções

GF - Portanto, há para aí meia dúzia de anos?

JML - Não consigo precisar, mas já era o João Pedro Xavier o Presidente do C.Directivo.

